



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**GÊNERO NAS MANCHETES: UMA ANÁLISE DA
REPRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA
DO MUNDO MASCULINA 2022 E FEMININA 2023 NO
JORNAL O GLOBO**

MARIA EDUARDA MARTINS PRADO

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**GÊNERO NAS MANCHETES: UMA ANÁLISE DA
REPRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA
DO MUNDO MASCULINA 2022 E FEMININA 2023 NO
JORNAL O GLOBO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo

MARIA EDUARDA MARTINS PRADO

Orientador: Fernando Ewerton

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Prado, Maria Eduarda Martins

P896g

Gênero nas Manchetes: Uma análise da representação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo Masculina 2022 e Feminina 2023 no jornal O Globo / Maria Eduarda Martins Prado. -- Rio de Janeiro, 2024.
54 f.

Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Jr.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Bacharel em Publicidade e Propaganda, 2024.

1. futebol feminino. 2. futebol masculino.
3. Copa do Mundo. 4. mídia impressa. 5. O Globo. I. Fernandez Júnior, Fernando Ewerton, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Gênero nas Manchetes: Uma análise da representação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo Masculina 2022 e Feminina 2023 no jornal O Globo**, elaborado por **Maria Eduarda Martins Prado**.

Aprovado por



Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Jr (orientador)



Documento assinado digitalmente
EDUARDO REFKALEFSKY
Data: 22/07/2024 18:50:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky



Me. Rafaelle da Silva Seraphim

Grau: 10,0

Rio de Janeiro, no dia ...17../07../2024

Rio de Janeiro

À menina que um dia sonhou em ser jornalista
e trabalhar com esporte. Nós estamos no
caminho certo.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para que minha trajetória na universidade pudesse acontecer. Porém, em hipótese alguma alguém poderia ser mencionado antes de meus pais, Carlos Henrique e Patricia, que me apoiaram em toda a jornada acadêmica, desde a escola até esta conclusão de graduação. Palavras nunca serão o suficiente para expressar toda minha gratidão. Olho para trás e vejo todo o sacrifício de vocês em prol do meu crescimento intelectual. Isto não é apenas um trabalho de conclusão, mas sim a realização de um sonho compartilhado por nós. Vocês são os heróis da minha jornada, os arquitetos do meu sucesso.

Meus irmãos, Gabriel e Guilherme, que sempre estiveram ao meu lado e acreditaram na minha capacidade quando até eu duvidava. Vocês são parte essencial na minha jornada e responsáveis por meu amor pelo esporte crescer constantemente. Que a nossa ligação se fortaleça a cada dia, não apenas como irmãos, mas sim como amigos e cúmplices.

Bruno, meu namorado, que me apoiou, encorajou e incentivou. Seu amor me manteve firme nos desafios e momentos de dúvida ao longo da graduação. Você celebrou conquistas comigo e secou minhas lágrimas nos dias difíceis, sempre com um abraço carinhoso e reconfortante. Sou grata por ter você como meu parceiro em todas as jornadas da minha vida. Que possamos continuar a construir nosso futuro juntos, com amor, cumplicidades e muitas conquistas.

Meus avós, Neide, Oswaldo e Laura, que seguem me dando todo o suporte necessário em qualquer aspecto de minha vida. Minha avó Neide que faz todas as minhas vontades, meu avô Oswaldo que sempre foi minha carona preferida para todos os lugares que precisei e Laura, minha avó emprestada, que foi imprescindível nessa jornada e sempre me acolheu em sua casa quando precisei. Maria Helena, a mulher que nutriu meu amor pelo futebol. Minha avó que, em vida, me mostrou que o esporte é para todos. Zezé, que enquanto esteve entre nós, foi como um avô para mim, um excelente parceiro de viagens e grande amigo para provar uma boa comida.

Seria difícil escrever o nome de todos os familiares que contribuíram para que eu concluísse a graduação. Mas deixo aqui a gratidão à minha família, que sempre torceu pelo meu sucesso, me apoiou nos momentos difíceis e comemorou as conquistas. Em especial, os sobrinhos Eduardo, Juliana e Luan, e minha afilhada Gabriela, que alegraram meus dias com suas brincadeiras e risadas.

Também é complicado citar todos os amigos, mas todos sabem o quanto foram importantes na minha jornada acadêmica. Muitos conheci na escola, outros na faculdade e alguns no estágio. Meus dias com vocês sempre são mais felizes e completos. Ao lado de vocês, sei que

posso ser eu mesma e contar sempre o que precisar.

Não poderia deixar de citar meu orientador, Fernando Ewerton, que embarcou nessa jornada comigo, mesmo com um prazo curto. Obrigada por me ajudar e apoiar durante o desenvolvimento do trabalho.

A todos, meu muito obrigado.

PRADO, Maria Eduarda Martins. **Gênero nas Manchetes: Uma análise da representação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo Masculina 2022 e Feminina 2023 no jornal O Globo.** Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Jr .
Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro:
ECO/UFRJ, 2024.

RESUMO

Apesar de ser o mesmo esporte, o futebol masculino e o feminino têm muitas diferenças em suas histórias e na relação com a mídia impressa. Com ampla disparidade em sua popularização e seu início em território brasileiro, as modalidades se disseminaram em caminhos distintos. Enquanto o jornalismo esportivo colaborou para a propagação do futebol praticado por homens no Brasil, o futebol feminino tem até hoje pouco espaço nos noticiários tradicionais. Por meio da análise de reportagens publicadas no jornal O Globo durante a Copa do Mundo Masculina, em 2022, e a Feminina, em 2023, busca-se entender a diferença de tratamento dado às Seleções Brasileiras de cada modalidade, abordando as diferentes pautas e refletindo sobre os temas propostos pelo jornal.

Palavras-chave: futebol feminino; futebol masculino; Copa do Mundo; mídia impressa; O Globo.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. O futebol no Brasil e as Seleções Nacionais	10
2.1. O futebol masculino no Brasil	10
2.1.1 A Seleção Brasileira Masculina	11
2.1.2 Histórico em Copas do Mundo	13
2.2. O futebol feminino no Brasil	18
2.2.1 A Seleção Brasileira Feminina	20
2.2.2 Histórico em Copas do Mundo	21
3. A importância do jornalismo para o esporte	24
3.1. Jornalismo esportivo	26
3.2. Jornalismo esportivo e o futebol de mulheres	29
4. Copa do Mundo, Seleção Brasileira e o jornal impresso	31
4.1. A Seleção Brasileira Masculina na Copa do Mundo FIFA 2022 pela perspectiva do O Globo	32
4.2. A Seleção Brasileira Feminina na Copa do Mundo FIFA 2023 pela perspectiva do O Globo	35
4.3. Análise	37
5. Considerações finais	42
6. Referências bibliográficas	46
7. Anexos	

1. Introdução

O futebol chegou ao Brasil na década de 1890. Desde o princípio, o esporte era propagado como uma prática masculina. Na década de 1920, o futebol de mulheres teve alguns poucos registros, mas em 1941, a modalidade foi proibida por decreto, fazendo com que mulheres só pudessem jogar após sua revogação, em 1979.

Em se tratando de futebol, as trajetórias das modalidades masculina e feminina têm pouca coisa em comum. Desde o princípio, passando pela criação da Seleção Brasileira e até os dias atuais, o futebol praticado por homens e mulheres caminha em linhas distintas.

Apesar deste trabalho colocar luz sobre o esporte no Brasil, vale destacar que o futebol feminino não foi negligenciado apenas aqui. A primeira Copa do Mundo só veio a acontecer em 1991, enquanto os Jogos Olímpicos só incluíram a modalidade das mulheres em 1996. O futebol masculino já tinha Mundial desde 1930, e em 1900 teve sua primeira exibição nas Olimpíadas de Paris, sendo oficializado nos Jogos em 1908. São décadas de diferença entre suas histórias e disputas.

No contexto das competições de futebol mais prestigiadas do mundo, as Copas do Mundo da FIFA, as seleções brasileiras masculina e feminina são frequentemente destacadas na mídia brasileira. No entanto, a forma como essas equipes são retratadas e a atenção dedicada a cada uma delas podem revelar diferenças significativas e, por vezes, discrepâncias marcantes. Esta pesquisa explora a divergência de abordagens entre as seleções brasileiras masculinas e femininas na cobertura jornalística durante suas respectivas participações nas Copas do Mundo. Ao examinar como essas equipes são representadas, discute-se não apenas a cobertura jornalística, mas também as complexas dinâmicas de gênero, poder e visibilidade no cenário esportivo brasileiro. Ao longo deste estudo, serão analisadas reportagens do jornal O Globo para identificar padrões de cobertura e discutir o impacto dessas representações na construção de identidades esportivas e sociais no Brasil.

O futebol é muito mais do que um esporte no Brasil; é uma parte importante da identidade nacional, permeando a cultura, a política e a mídia. Nas Copas do Mundo da FIFA, o país volta seus olhos para suas seleções masculina e feminina, esperando tanto o desempenho esportivo quanto as narrativas que cercam essas equipes. No entanto, ao observar a cobertura midiática dessas duas seleções durante suas respectivas participações nos Mundiais, emergem diferenças marcantes na forma como são retratadas e valorizadas.

A seleção brasileira masculina é frequentemente glorificada como um símbolo de orgulho nacional e masculinidade. A mídia imprime narrativas de heróis e ícones, exaltando

suas habilidades atléticas e suas jornadas em campo. Jogadores são elevados ao status de ídolos e suas histórias pessoais são amplamente divulgadas, contribuindo para a criação de uma mitologia futebolística que transcende o esporte.

Por outro lado, a seleção brasileira feminina muitas vezes enfrenta um tratamento diferenciado. A cobertura midiática tende a ser escassa e, quando presente, pode ser permeada por estereótipos de gênero e desigualdades. A presença das jogadoras nas páginas dos jornais muitas vezes é ofuscada por outros eventos esportivos masculinos ou até mesmo por aspectos não relacionados ao esporte.

Este estudo visa explorar essas disparidades na cobertura das seleções masculina e feminina durante suas participações em Copas do Mundo da FIFA. Busca-se não apenas documentar as diferenças quantitativas na cobertura, mas também compreender qualitativamente como as narrativas são moldadas, quais temas são privilegiados e como essas representações podem refletir e reforçar normas sociais e de gênero na sociedade brasileira.

O objetivo deste trabalho é colocar luz sobre a disparidade entre a visibilidade dada ao futebol masculino e feminino, propondo a reflexão sobre os temas abordados em cada modalidade. Além disso, este estudo abre os horizontes sobre a forma com que a mídia impressa trata as duas modalidades, permitindo que mais análises sobre diferentes eventos sejam feitas com a mesma perspectiva.

Para alcançar o que foi proposto, foram analisadas reportagens publicadas pelo jornal O Globo no período de 22 de novembro a 3 de dezembro de 2022, durante a Copa do Mundo Masculina do Catar, e de 23 de julho a 3 de agosto de 2023, durante a Copa do Mundo Feminina na Austrália e Nova Zelândia. A sessão de esportes do veículo foi analisada durante sete dias, correspondentes ao dia anterior da estreia das equipes até o dia seguinte do fim da fase de grupos da competição. Apesar do time nacional composto por homens ter se classificado para as oitavas e quartas de final, a análise ficou restrita a esses dias por conta da eliminação do time feminino ainda na primeira fase.

No primeiro capítulo, é feito um resumo da trajetória do futebol praticado por homens e por mulheres em território brasileiro. Além de abordar o início das modalidades, traz também um panorama de como começou as Seleções Brasileiras e seus respectivos históricos em Copas do Mundo. A intenção é embasar a pesquisa e análise, trazendo uma possível justificativa para a disparidade na visibilidade.

No capítulo seguinte, o laço entre o jornalismo esportivo e o futebol é abordado. Desde o início da modalidade no Brasil, a imprensa foi sua grande amiga e impulsionou sua

popularização. Apesar da forte relação com a modalidade praticada por homens, o futebol feminino nem sempre teve espaço na mídia e este fato também é abordado no capítulo.

O terceiro capítulo apresenta as matérias publicadas pelo Globo no período estudado e faz a análise das pautas abordadas, além de questões estéticas e de patrocínio, como o fato de a Copa do Mundo Masculina ter um caderno especial e a feminina não.

Ao longo desse caminho, será feita uma reflexão sobre a disparidade de tratamento entre as seleções e a cobertura de cada Mundial, embasada pela história e evolução de cada esporte e sua relação com a mídia impressa.

2. O futebol no Brasil e as Seleções Nacionais

O futebol masculino e o futebol de mulheres não cresceram lado a lado e suas reverberações pelo país foram bem diferentes. A impressão é que suas histórias pouco se cruzam, mas são unidas pelo mesmo esporte.

O futebol masculino tem sua origem em solo brasileiro na década de 1890 e, desde que chegou, o número de praticantes e fãs cresceu mais e mais. Apesar do futebol de mulheres ter alguns registros por volta de 1920, o esporte só foi regulamentado no Brasil em 1979. Enquanto a Seleção Brasileira Masculina disputou a primeira Copa do Mundo em 1930, no Uruguai, a Feminina só estreou no Mundial em 1991, 61 anos depois.

Este capítulo aborda a evolução da modalidade no Brasil e a criação das Seleções Brasileiras, com o objetivo de expor a disparidade entre as categorias e embasar futuras reflexões.

2.1. O futebol masculino no Brasil

No vasto campo do futebol brasileiro, as linhas do tempo muitas vezes se entrelaçam, formando uma teia complexa de eventos, protagonistas e versões dos fatos. No entanto, uma figura ressoa como um marco indiscutível: Charles Miller, o homem que plantou as sementes do que se tornaria a paixão nacional. Para muitos estudiosos, como Ribeiro (2007) e Stycer (2009), foi Miller quem trouxe o futebol e suas regras para o Brasil.

Quando Charles Miller desembarcou no Porto de Santos, litoral de São Paulo, em novembro de 1894, trazia na bagagem apetrechos necessários para continuar a praticar o esporte que tanto admirava, o futebol. Além de duas bolas da marca Shoot e uma bomba para enchê-las, havia também um par de chuteiras e um livro de regras. Miller voltava da Inglaterra, onde passara dez anos estudando e, principalmente, jogando futebol. Segundo relatos, era um ponta-esquerda esperto, excelente driblador, chutava forte, um artilheiro nato. (Ribeiro, 2007, p.19)

Até mesmo quando Charles Miller não é citado, a origem do futebol em solo brasileiro não se desliga de sua história. Para Stycer (2009, p.39), apesar de haver algumas discordâncias, é certo que, para estabelecer uma ordem cronológica, o futebol foi introduzido no Brasil através de filhos de imigrantes europeus e adotado pelas elites em meados dos anos 1890. Vale destacar que, em um curto espaço de tempo, o esporte se popularizou não só entre os ricos, mas por todas as classes da sociedade.

Em poucas décadas, o jogo deixou de ser uma diversão exclusiva dos bem-nascidos para se tornar o esporte mais popular nos principais centros urbanos do país, praticado e apreciado tanto pelo alto quanto pela base da pirâmide social. (Stycer, 2009, p.39)

No entanto, a difusão do futebol masculino no Brasil não se limitou às iniciativas de Charles Miller. A partir daí, o esporte começou a se espalhar pelo país através de diferentes vias. De acordo com Stycer (2009, p. 39), em São Paulo, um alemão chamado Hans Nobiling, fundou um clube em 1897. Já no Rio de Janeiro, foi Oscar Cox, filho de um diplomata inglês, que difundiu o esporte. Estas duas cidades eram os principais centros urbanos do país, e com a simpatia pelo futebol, logo a modalidade se estabeleceu em bases competitivas.

Depois da chegada com imigrantes, o futebol se alastrou com os clubes esportivos, que desempenharam um papel crucial na disseminação do esporte. Esses clubes não apenas serviram como locais para a prática esportiva, mas também como centros de sociabilidade e lazer para as comunidades locais.

Em 1901, em São Paulo, cinco clubes fundaram a Liga Paulista de *Foot-ball* (LPF) e, em 1905, quatro times fundaram a Liga Metropolitana de *Foot-ball*, no Rio de Janeiro (Stycer, p.40). A partir daí, a modalidade foi crescendo cada vez mais com o aumento da cobertura da imprensa.

Jornais e revistas começaram a dedicar espaço considerável à cobertura de jogos, resultados e análises táticas, alimentando o interesse do público e consolidando o lugar do esporte na cultura brasileira. Em seu livro ‘Os donos do espetáculo’, Ribeiro mostra que toda a paixão do brasileiro pelo futebol está ligada ao modelo de imprensa esportiva, e expõe que a popularização da modalidade não está ligada apenas ao formato de sua prática.

Não há, certamente, assunto capaz de despertar maior polêmica e gerar, ao mesmo tempo, tanta discórdia e tanta convergência. Dentro de campo e nas arquibancadas a febre de bola contagia, principalmente, por causa do destaque que a mídia esportiva reserva diariamente ao tema futebol. Se no começo de sua trajetória a imprensa esportiva implorava por espaço nas páginas dos principais jornais do país, a partir da década de 1930, com o surgimento do rádio, e na década de 1950, com a televisão, noticiar a maior paixão do brasileiro tornou-se, além de um grande negócio, obrigação. (Ribeiro, 2007, s.p.)

Apesar da maior difusão do futebol ter acontecido a partir de 1930, com o rádio, e 1950, com a televisão, em seu início o jornal impresso também dedicava espaço à modalidade. Foi com o início da massificação do esporte que, em 1914, surgiu a Seleção Brasileira Masculina de Futebol.

2.1.1 A Seleção Brasileira Masculina

Com sua chegada em solo brasileiro na década de 1890, o futebol cada vez mais foi se tornando a paixão do país. Seu grande desenvolvimento resultou na criação das seleções nacionais, que até hoje representam o Brasil em diversas competições.

A partir de 1903 o futebol de homens começou sua ascensão no Brasil, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Na época, era comum que os times fizessem suas próprias seleções para enfrentar equipes estrangeiras.

Essa prática perdurou até o ano 1914, quando a Seleção Brasileira Masculina de Futebol surgiu oficialmente.

Foi exatamente em 21 de julho de 1914 que a equipe disputaria seu primeiro jogo e iniciaria uma trajetória de excelência que culminaria com a conquista de cinco títulos mundiais de futebol. Naquele dia, no estádio das Laranjeiras, lotado, a Seleção enfrentaria o Exeter City, time da Terceira Divisão inglesa. Não se tem registro oficial da quantidade de gente que prestigiou a partida. O que se sabe é que muitos assistiram ao jogo de pé e viram o Brasil vencer por 2 a 0, gols de Osman (America FC) e Oswaldo Gomes (Fluminense). (Confederação Brasileira de Futebol)¹

Antes mesmo da primeira partida do Brasil, no dia 8 de junho foi fundada a Federação Brasileira de Sports (FBS), que hoje é a Confederação Brasileira de Futebol. De acordo com a entidade², a CBF passou a ter a configuração que possui hoje a partir de 24 de setembro de 1979, quando se desvinculou da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que era responsável pelos esportes praticados no país.

O futebol se tornou paixão nacional, e o sentimento se estendeu à Seleção Brasileira. Para Ribeiro (2007), é impossível pensar neste esporte sem associá-lo imediatamente ao Brasil.

O futebol está presente no cotidiano da enorme maioria da população brasileira e há muito tempo transformou-se em paixão nacional. Impossível pensar em futebol sem associá-lo de imediato ao Brasil. O futebol transcende classes sociais e diferenças raciais para se fixar como a mais importante manifestação de ser brasileiro. (Ribeiro, 2007, s.p.).

¹CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **CBF comemora 110 anos com amistoso no Texas**. 8 jun.2024. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-completa-110-anos-de-historia>. Acesso em 9 jun.2024.

²CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Seleção Brasileira faz 109 anos**. 21 jun.2023. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/index/selecao-brasileira-faz-109-anos>. Acesso em 18 abr.2024.

Até hoje, apesar de questões políticas relacionadas à camisa da equipe nacional, a Seleção é ovacionada e idolatrada não só por brasileiros, mas também por muitos estrangeiros, justamente por conta da associação do Brasil como “o país do futebol” e pela tradição do time que defende a bandeira verde, amarela e azul.

Depois de seu primeiro jogo oficial, a Seleção Brasileira seguiu se preparando para futuros eventos. A segunda partida da equipe foi diante da Argentina, no dia 20 de setembro de 1914. O amistoso aconteceu no Campo del Gimnasia y Esgrima La Plata, em Buenos Aires, na Argentina. O Brasil foi derrotado por 3 a 0.

No dia 27 de setembro de 1914, a Seleção disputou sua primeira competição, a Copa Roca. O torneio foi disputado durante anos e consistia em uma partida única entre Brasil e Argentina. No ano de sua fundação, a equipe venceu os argentinos por 1 a 0.

O time brasileiro não teve atividades em 1915, e foi em 1916 que jogou a primeira edição do Campeonato Sul-Americano (que hoje corresponde à Copa América), sediada na Argentina. A primeira partida do Brasil pela competição foi contra o Chile, em Buenos Aires, e terminou em um empate por 1 a 1.

Entre amistosos, Copa Roca, Copa América e outras competições, a Seleção Brasileira jogou a primeira edição de Copa do Mundo, que aconteceu em 1930, no Uruguai. A estreia da equipe nacional foi marcada por uma derrota para a Iugoslávia, por 2 a 1, no Estádio Gran Parque Central, em Montevideu. Foi no dia 14 de julho daquele ano, que o Brasil iniciou sua trajetória na competição de maior ambição mundial e, partir disso, se tornou o maior campeão de Mundiais até o momento.

2.1.2 Histórico em Copas do Mundo

A Seleção Brasileira Masculina participou de todas as 22 edições de Copas do Mundo. Além disso, é a maior campeã da competição, com cinco títulos, sendo a única pentacampeã mundial. Em uma reportagem do Globoesporte.com (GE)³ na coluna Espião Estatístico, Guilherme Maniaudet e Roberto Maleson afirmam que “A história do Mundial muitas vezes se confunde com a do Brasil”, e isso se deve por conta da tradição da equipe nacional.

A trajetória da Seleção começa em 1930, na primeira Copa do Mundo da FIFA, sediada no Uruguai. A participação brasileira se limitou apenas à fase de grupos, com uma derrota para

³**Brasil na Copa do Mundo: história, gols, títulos, jogadores e mais.** Globo Esporte (GE), Rio de Janeiro, 20 nov.2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/espiao-estatistico/noticia/2022/11/20/brasil-na-copa-do-mundo-historia-gols-titulos-jogadores-e-mais.ghtml>. Acesso em: 11 jun.2024.

a Iugoslávia por 2 a 1, e uma vitória contra a Bolívia por 4 a 0. O Brasil foi eliminado, pois a Iugoslávia venceu as duas partidas no Grupo 2 e ficou em primeiro lugar na chave.

Em 1934, o Mundial começava diretamente nas oitavas de final e foi neste ano que o time nacional teve sua participação mais curta em Copas do Mundo. Logo na primeira fase, a equipe foi derrotada pela Espanha por 3 a 1.

A Copa de 1938 foi a última antes da paralisação pela Segunda Guerra Mundial, e foi a primeira em que o Brasil teve um bom desempenho. Nas oitavas de final, eliminou a Polônia com uma vitória por 6 a 5. Nas quartas, foram necessários dois jogos contra a Tchecoslováquia: no primeiro, empate por 1 a 1, mas no segundo os brasileiros venceram por 2 a 1 de virada. Na semifinal, a Seleção foi eliminada para a Itália (2 a 1). Neste ano, a equipe ficou em terceiro lugar. Na disputa pela posição, o Brasil ganhou da Suécia por 4 a 2.

O Mundial de 1950 foi um marco na história do Brasil como um todo. Esta foi a primeira vez que o país sediou uma Copa do Mundo, e a expectativa era muito positiva. “Os brasileiros viveram em 1950 a primeira grande decepção em uma Copa do Mundo. Os torcedores tinham certeza de que o primeiro título mundial viria em casa” (GE)⁴. Porém, o Brasil ficou com o vice-campeonato em um episódio conhecido como “Maracanazo”. Naquele ano, a competição voltou a ter a fase de grupos como primeira etapa e a Seleção Brasileira se classificou para a fase final com uma goleada sobre o México por 4 a 0, um empate diante da Suíça por 2 a 2 e uma vitória por 2 a 0 contra a Iugoslávia. No quadrangular final, o Brasil goleou a Suécia (7 a 1) e a Espanha (6 a 1), e precisava apenas de um empate com o Uruguai. No Maracanã, estádio construído no Rio de Janeiro para aquela Copa do Mundo, os uruguaios venceram por 2 a 1 e ficaram com o título, diante de um público estimado em aproximadamente 200 mil pessoas.

Em 1954, a Seleção começou bem, com uma goleada de 5 a 0 sobre o México. Na segunda partida da primeira fase, empatou com a Iugoslávia por 1 a 1 e, mesmo assim, confirmou a classificação. Nas quartas de final, a equipe enfrentou a Hungria em uma partida conhecida como “Batalha de Berna⁵”, e foi eliminada com uma derrota por 4 a 2.

⁴**Brasil na Copa do Mundo: história, gols, títulos, jogadores e mais.** Globo Esporte (GE), Rio de Janeiro, 20 nov.2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/espiao-estatistico/noticia/2022/11/20/brasil-na-copa-do-mundo-historia-gols-titulos-jogadores-e-mais.ghtml>. Acesso em: 11 jun.2024.

⁵O confronto teve muitas faltas duras e chegou a ter três expulsões. Mesmo após o apito final, a confusão entre as equipes continuou, por isso a nomeação “Batalha de Berna”.

“Em 1958, finalmente a seleção brasileira conquistou a sua primeira Copa do Mundo, exorcizando o fantasma de 1950” (GE)⁶. Apesar do empate com a Inglaterra (0 a 0), o Brasil se saiu bem na fase de grupos com duas vitórias contra Áustria (3 a 0) e União Soviética (2 a 0). Nas quartas de final, triunfo sobre o País de Gales (1 a 0). Na semi, vitória contra a França por 5 a 2 com três gols de Pelé que, com 17 anos, estava sendo apresentado ao mundo. A Seleção Brasileira enfrentou a Suécia na final e, mais uma vez, goleou por 5 a 2, conquistando a primeira estrela. Os gols foram de Pelé (2), Vavá (2) e Zagallo.

O bicampeonato mundial veio logo na sequência, em 1962. Na fase de grupos, uma vitória sobre o México por 2 a 0, um empate com a Tchecoslováquia por 0 a 0 e mais uma vitória, dessa vez por 2 a 1 contra a Espanha. Nas quartas de final, o Brasil deixou a Inglaterra para trás (3 a 1), na semi derrotou o Chile (4 a 2) e na final, o triunfo foi contra a Tchecoslováquia novamente, por 3 a 1 com gols de Amarildo, Zito e Vavá.

Em 1966, uma eliminação precoce marcou a participação brasileira. Com duas derrotas por 3 a 1 para Hungria e Portugal, e uma vitória por 2 a 0 sobre a Bulgária, o Brasil se despediu da Copa do Mundo ainda na fase de grupos.

“Vitória em todos os jogos e uma média de mais de três gols por jogo. Comandada por Zagallo, a seleção brasileira de 1970 é um dos maiores times da história do futebol” (GE)⁷. Na primeira fase do ano do tricampeonato mundial, o Brasil derrotou Tchecoslováquia (4 a 1), Inglaterra (1 a 0) e Romênia (3 a 2). Nas quartas de final, vitória sobre o Peru por 4 a 2. Na semifinal, quem ficou para trás foi o Uruguai, quando os brasileiros venceram por 3 a 1 de virada. A final foi disputada contra a Itália e a vitória por 4 a 1 adicionou mais uma estrela à camisa da Seleção, com a conquista em definitivo da Taça Jules Rimet.

Após o tricampeonato, o Brasil passou 24 anos sem vencer a Copa do Mundo novamente, o equivalente a seis disputas. Em 1974, teve dois empates por 0 a 0 (Iugoslávia e Escócia) e uma vitória (por 3 a 0 sobre o Zaire) na primeira fase. Na etapa seguinte, venceu a Alemanha Oriental (1 a 0) e a Argentina (2 a 1), mas perdeu para a Holanda (2 a 0), resultado que levou a Seleção Brasileira para a disputa do terceiro lugar. Em 74 a equipe nacional encerrou o Mundial em quarto lugar, após perder para a Polônia (1 a 0).

⁶**Brasil na Copa do Mundo: história, gols, títulos, jogadores e mais.** Globo Esporte (GE), Rio de Janeiro, 20 nov.2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/espiao-estatistico/noticia/2022/11/20/brasil-na-copa-do-mundo-historia-gols-titulos-jogadores-e-mais.ghml>. Acesso em: 11 jun.2024.

⁷**Brasil na Copa do Mundo: história, gols, títulos, jogadores e mais.** Globo Esporte (GE), Rio de Janeiro, 20 nov.2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/espiao-estatistico/noticia/2022/11/20/brasil-na-copa-do-mundo-historia-gols-titulos-jogadores-e-mais.ghml>. Acesso em: 11 jun.2024.

Em 1978, o Brasil não teve um bom desempenho na primeira fase do Mundial. Foram dois empates, um contra a Suécia (1 a 1) e outro diante da Espanha (0 a 0), e apenas uma vitória contra a Áustria por 1 a 0. Mesmo assim, a equipe avançou para a próxima fase. Na etapa seguinte, a Seleção Brasileira venceu o Peru (3 a 0), empatou com a Argentina (0 a 0) e superou a Polônia (3 a 0), mas não se classificou para a final, pois os argentinos tiveram um melhor saldo de gols ao vencerem o Peru por 6 a 0. Na disputa pelo terceiro lugar, o Brasil bateu a Itália por 2 a 1.

A equipe de 1982, comandada por Telê Santana, é considerada por muitos como uma das melhores seleções brasileiras que não foi campeã. Na primeira fase, três vitórias diante de União Soviética (2 a 1), Escócia (4 a 1) e Nova Zelândia (4 a 0). “Na segunda fase do torneio, quando as equipes foram divididas em quatro grupos de três times cada, com apenas o líder de cada chave avançando às semifinais, o Brasil teve pela frente Argentina e Itália” (GE)⁸. O primeiro jogo foi contra os Argentinos, e a Seleção Brasileira saiu com a vitória por 3 a 1, mas na segunda partida, dessa vez contra a Itália, sofreu uma derrota por 3 a 2 no jogo que ficou conhecido como “Tragédia de Sarriá” e foi eliminada.

Em 1986, o time nacional encerrou a fase de grupos com três vitórias: Espanha e Argélia por 1 a 0, e Irlanda do Norte por 3 a 0. Nas oitavas de final, garantiu a classificação com um triunfo de 4 a 0 sobre a Polônia. Nas quartas de final, Zico perdeu o pênalti que poderia ter dado a vitória para o Brasil e, com o jogo encerrado em 1 a 1 contra a França, os brasileiros foram eliminados na disputa de pênaltis (4 a 3).

No Mundial seguinte, em 1990, mais três vitórias na primeira fase: 2 a 1 em cima da Suécia e 1 a 0 sobre a Costa Rica e a Escócia. O Brasil garantiu a vaga nas oitavas de final, só não sabia que aquele seria seu último jogo. Na partida contra a Argentina, a Seleção Brasileira foi derrotada por 1 a 0 e se despediu da Copa do Mundo de 90.

Vinte e quatro anos depois do tricampeonato, chegou a vez do tetra, conquistado na Copa de 1994. “O Brasil não chegou ao Mundial nos Estados Unidos como favorito. Comandada por Carlos Alberto Parreira, a Seleção confirmou sua classificação para a Copa apenas na última rodada das Eliminatórias e chegava sob desconfiança” (GE)⁹. A Seleção Brasileira passou ilesa na fase de grupos, derrotando Rússia (2 a 0) e Camarões (3 a 0) e

⁸**Brasil na Copa do Mundo: história, gols, títulos, jogadores e mais.** Globo Esporte (GE), Rio de Janeiro, 20 nov.2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/espiao-estatistico/noticia/2022/11/20/brasil-na-copa-do-mundo-historia-gols-titulos-jogadores-e-mais.ghtml>. Acesso em: 11 jun.2024.

⁹**Brasil na Copa do Mundo: história, gols, títulos, jogadores e mais.** Globo Esporte (GE), Rio de Janeiro, 20 nov.2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/espiao-estatistico/noticia/2022/11/20/brasil-na-copa-do-mundo-historia-gols-titulos-jogadores-e-mais.ghtml>. Acesso em: 11 jun.2024.

empatando com a Suécia (1 a 1). O Brasil não encontrou facilidade nas fases seguintes. Nas oitavas de final, uma vitória por 1 a 0 sobre os Estados Unidos. Já nas quartas de final, superou a Holanda por 3 a 2. Na semi, conquistou a vaga na final ao vencer a Suécia por 1 a 0. A decisão foi marcada por um jogo difícil entre a equipe nacional e a Itália, valendo o primeiro tetracampeonato mundial para ambas as equipes (a Itália fora campeã em 1934, 1938 e 1982). A partida terminou em 0 a 0 e o título foi decidido nos pênaltis. O Brasil saiu vitorioso com três pênaltis a favor e dois contra.

Em 1998, a Seleção Brasileira chegava como favorita para a conquista de mais um título. Na fase de grupos, vitórias sobre Escócia (2 a 1) e Marrocos (3 a 0) e uma derrota por 2 a 1 para a Noruega. O caminho da equipe até a final foi da seguinte maneira: nas oitavas de final, vitória sobre o Chile (4 a 1); nas quartas, triunfo diante da Dinamarca (3 a 2); na semifinal, empate com a Holanda no tempo normal, mas com vitória nos pênaltis (4 a 2). Na decisão, o Brasil ficou abalado com um problema de saúde de Ronaldo horas antes da partida. Com sede de título, a França veio para cima e conquistou o Mundial daquele ano, com vitória por 3 a 0.

Com sete jogos e sete vitórias, 2002 foi o ano do pentacampeonato. Na primeira fase, a Seleção Brasileira não encontrou dificuldade ao vencer Turquia (2 a 1), China (4 a 0) e Costa Rica (5 a 2). Nas oitavas de final, um placar de 2 a 0 sobre a Bélgica. Nas quartas, vitória de virada contra a Inglaterra (2 a 1). Na semifinal, mais uma vez triunfo sobre a Turquia (1 a 0). Mesmo na grande final, o Brasil passou ileso e venceu a Alemanha por 2 a 0, conquistando assim o pentacampeonato. Até o momento, a Seleção Brasileira é a única equipe que venceu a Copa do Mundo cinco vezes (Alemanha e Itália ganharam quatro). Vale ressaltar que esta foi a última conquista da equipe em Mundiais.

Em 2006, o Brasil passou pela primeira fase com 100% de aproveitamento, venceu Croácia (1 a 0), Austrália (2 a 0) e Japão (4 a 1). “Nas oitavas de final, venceu Gana por 3 a 0, mas, apesar do placar, novamente o desempenho foi abaixo do esperado” (GE)¹⁰. Nas quartas de final, a Seleção Brasileira foi derrotada pela França por 1 a 0 e eliminada da competição.

O Brasil começou a disputa em 2010 com duas vitórias, sobre a Coreia do Norte (2 a 1) e Costa do Marfim (3 a 1), e um empate com Portugal (0 a 0). Nas oitavas de final, bateu o Chile por 3 a 0. A eliminação veio nas quartas de final, quando a Seleção Brasileira foi superada de virada pela Holanda (2 a 1).

¹⁰**Brasil na Copa do Mundo: história, gols, títulos, jogadores e mais.** Globo Esporte (GE), Rio de Janeiro, 20 nov.2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/espiao-estatistico/noticia/2022/11/20/brasil-na-copa-do-mundo-historia-gols-titulos-jogadores-e-mais.ghtml>. Acesso em: 11 jun.2024.

Foi em 2014 o considerado maior vexame do Brasil em Mundiais, e o episódio aconteceu justamente na segunda Copa do Mundo sediada no país. “Anfitrião de uma Copa do Mundo após 64 anos, o Brasil despontava como o grande favorito para conquistar o Mundial” (GE). Repetindo o início da Copa anterior, foram duas vitórias (Croácia por 3 a 1 e Camarões por 4 a 1) e um empate (México por 0 a 0) na fase de grupos. Nas oitavas, superou o Chile na disputa de pênaltis (3 a 2) após empate no tempo regulamentar e na prorrogação. Nas quartas, deixou a Colômbia para trás com uma vitória por 2 a 1. A semifinal foi marcada pelo famoso 7 a 1, dia em que a Alemanha goleou a Seleção Brasileira em seu próprio país. Na disputa pelo terceiro lugar, mais uma derrota, desta vez para a Holanda por 3 a 0.

Em 2018, novamente duas vitórias (contra Costa Rica e Sérvia por 2 a 0) e um empate (com a Suíça por 1 a 0) na primeira fase. Nas oitavas de final, não viu dificuldade ao derrotar o México por 2 a 0, mas não superou o desafio nas quartas de final, quando perdeu por 2 a 1 para a Bélgica.

A Copa do Mundo mais recente foi a de 2022. O Brasil chegava com a expectativa de conquistar mais um título, 20 anos após o penta. “Nos dois primeiros jogos, não teve dificuldade para vencer Sérvia (2 a 0) e Suíça (1 a 0). Já classificado para as oitavas de final, Tite colocou em campo um time reserva contra Camarões, na terceira rodada, e perdeu por 1 a 0” (GE). Nas oitavas de final, a Seleção Brasileira goleou a Coreia do Sul por 4 a 1. Já nas quartas, mais uma vez parou em seu obstáculo: a Croácia. O tempo regulamentar terminou em 0 a 0 e, na prorrogação, Neymar abriu o placar, mas logo os croatas empataram. Na decisão por pênaltis, os adversários venceram por 4 a 2.

2.2. O futebol de mulheres no Brasil

É difícil falar sobre o começo do futebol de mulheres no Brasil. Em um estudo recente, Bonfim (2019) recolhe evidências do esporte a partir de 1915, mas a falta de fontes documentais e audiovisuais dificulta as pesquisas sobre o início da modalidade praticada por mulheres. Bonfim reforçou a falta de evidências, mas conseguiu registros onde o futebol feminino pode ter começado no Brasil.

Ainda é difícil precisar onde e como aconteceram as primeiras partidas de futebol entre mulheres no Brasil. As décadas iniciais do século XX marcaram a difusão de esportes, como o futebol, em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, locais que, em aspectos macros, contaram com um significativo crescimento e urbanização nessa época. (Bonfim, 2019, p.27)

Diferentemente do futebol de homens, que tem diversas explicações e vertentes para explicar o início da prática em solo brasileiro, o futebol feminino pouco foi registrado antes de sua proibição, em 1941. Já o desenvolvimento do futebol praticado por homens no Brasil foi registrado de forma assídua pela imprensa, se tornando a principal fonte para pesquisas atualmente.

Para falar sobre o início do futebol feminino no Brasil, é crucial compreender que os registros históricos são escassos e frequentemente negligenciados. Esta escassez de documentação reflete a marginalização e discriminação enfrentadas pelas mulheres que praticavam o esporte. Durante as primeiras décadas do século XX, o futebol era predominantemente uma atividade masculina, e a participação feminina era vista como transgressora das normas sociais da época.

A falta de registros detalhados sobre o futebol feminino no Brasil pode ser atribuída a vários fatores. Primeiramente, a cobertura jornalística da época era dominada por temas considerados mais relevantes para a sociedade daquele tempo, como política e esportes masculinos. Além disso, a falta de reconhecimento oficial do futebol feminino como uma prática legítima contribuiu para a ausência de documentação sistemática.

As poucas informações disponíveis sobre o futebol feminino nesse período geralmente são fragmentadas e encontradas em fontes não convencionais, como relatos de testemunhas oculares e registros pessoais. Tais fontes muitas vezes são difíceis de acessar e podem não ser consideradas confiáveis pela falta de verificação.

Grande parte dos pesquisadores que se debruçam sobre os debates em torno da iniciação esportiva considera como marco introdutório do futebol feminino no país o anúncio do “jogo de futebol entre senhoritas”, realizado na cidade de São Paulo, entre as “senhoritas” do bairro do Tremembé e da Cantareira, em 1921 (Bonfim, 2019, p.27). Mesmo com esse registro marcante, já existiam algumas “inconsistências históricas” quando o assunto era futebol de mulheres.

Além da falta de registros e incentivos, o desenvolvimento tardio do futebol feminino também se deve à sua proibição, que aconteceu em 1941 e perdurou até 1979. Segundo Napoleão (2024), a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND) teve como objetivo a regulamentação dos esportes no Brasil. O órgão de responsabilidade sobre o CND era o Ministério da Educação e Saúde, que deveria organizar juridicamente as modalidades esportivas em território nacional. O CND foi criado pelo decreto-lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941 que, em seu artigo 54, estabelecia: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos

incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” (Decreto-Lei N° 3.199, de 14 de abril de 1941, artigo 54)¹¹.

O texto falava de esportes de forma genérica, sem citar o futebol exclusivamente. Porém, como era considerado uma prática masculina, era óbvio que a modalidade se encaixava na descrição. “Em 1965, já na ditadura militar, o decreto recebeu um incremento, dessa vez com mais detalhamento e uma indicação direta ao futebol feminino”, (Napoleão, 2024, s.p.).

A revogação do decreto-lei só aconteceu em 1979, 38 anos após a primeira proibição. Napoleão (2024) afirma que a regulamentação do futebol de mulheres só aconteceu em 1983 e, com a oficialização, os clubes começaram a se organizar.

2.2.1 A Seleção Brasileira Feminina

Enquanto a Seleção Brasileira Masculina já havia disputado 13 Copas do Mundo, lembrando que em 1942 e 1946 não houve a disputa da competição em razão da Segunda Guerra Mundial, a Feminina ainda não tinha esboço. Mesmo com a regulamentação do futebol de mulheres em 1983, a equipe nacional feminina ainda demorou para ser formada. Foi em 1988 que, pela primeira vez, mulheres entraram em campo para jogar defendendo a camisa do Brasil.

Em 1988, a FIFA realizou um primeiro mundial experimental, o FIFA Women 's Invitational Tournament (Campeonato Mundial Experimental), na China. Para disputar esta competição, uma seleção foi montada, as meninas viajaram sem disputar um amistoso sequer, para um país totalmente desconhecido, e realizando apenas pouquíssimos treinos já no local da competição. Mas as pioneiras não se fizeram de rogadas e foram ovacionadas, principalmente por conta da habilidade de jogadoras como Roseli e Sisi. A seleção campeã foi a Noruega e a Seleção Feminina de Futebol do Brasil ficou com o bronze, que foi conquistado na disputa de pênaltis contra a China. Nascia ali o embrião da seleção nacional de futebol feminino do Brasil. (Napoleão, 2024, s.p.)

Em suma, a Seleção Feminina passou a existir cinco anos após o regimento do futebol feminino. De 1914 até 1988 se passaram 74 anos e, a diferença de tempo e de investimento entre o início da equipe nacional masculina e feminina evidenciam que as mulheres ainda teriam um longo caminho a percorrer.

¹¹BRASIL. **Decreto-Lei N° 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília, DF: Presidência da República (1941). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em 9 jun. 2024.

Após o Mundial Experimental proposto pela FIFA, a Seleção só voltou a se reencontrar três anos depois para a disputa do Sul-Americano, Copa do Mundo e alguns amistosos em 1991. Pela primeira vez, o time feminino teve um período de testes e preparação pensando nas competições que seriam disputadas. O primeiro título brasileiro foi o da competição continental, disputada em Maringá, no Paraná. Napoleão afirma que apenas Brasil, Chile e Venezuela jogaram o torneio e, “O Brasil foi campeão e garantiu a vaga para a disputa do mundial na China no mesmo ano” (Napoleão, 2024, s.p.).

Darido (2002), também ressalta a demora para a Seleção ser convocada novamente. “Somente em 1991, os dirigentes voltaram a procurar as jogadoras para formar uma seleção para o Mundial na China. Nessa época, o regulamento já era o mesmo do futebol masculino”¹² (Darido, 2002, s.p.). A autora também destaca os Jogos Olímpicos, reforçando que, em 1996, o Brasil “correu atrás do prejuízo” e ficou em quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta.

Por conta da demora para a regulamentação do futebol feminino, quando a modalidade foi oficializada o “mundo futebolístico” já estava avançado e logo chegou a vez da primeira Copa do Mundo de mulheres organizada pela FIFA.

Vale ressaltar que a Olimpíada, em 1996, foi a primeira com futebol feminino. Este fato, junto do primeiro Mundial realizado em 1991, mostra que a prática não era negligenciada apenas no Brasil, mas sim no mundo. Este trabalho tem foco no futebol masculino e feminino no Brasil, mas é importante destacar que o esporte praticado por mulheres demorou a ganhar espaço em todo o plante, tanto que a FIFA só implementou a Copa do Mundo Feminina em 1991.

2.2.2 Histórico em Copas do Mundo

Até o momento, já foram realizadas nove Copas do Mundo Femininas da FIFA. Este número indica a disparidade com a competição masculina, que teve 22 edições. Vale ressaltar que, diferentemente da Seleção Brasileira Masculina, a equipe de mulheres ainda não conquistou nenhum título Mundial. A jornada do time feminino em busca da “primeira estrela” começou em 1991, na China. Segundo Napoleão (2024), o Brasil manteve grande parte das atletas que disputaram o torneio experimental em 1988, mas mesmo assim foi eliminado na

¹²Anteriormente, a regulamentação do Conselho Nacional de Desportos (CND) não permitia que as mulheres utilizassem chuteiras de travas metálicas, o campo e a bola deveriam ser menores que os do masculino e o tempo de duração da partida também era inferior.

primeira fase, tendo vencido apenas a primeira partida por 3 a 0 contra o Japão, e perdido para os Estados Unidos por 5 a 0 e para a Suécia por 2 a 0.

A Seleção Brasileira Feminina participou de todas as edições da Copa do Mundo, e chegou a resultados relevantes em 1999 (quarto lugar) e 2007 (segundo lugar). Para Januário, Lima e Leal, “o assunto foi pouco tematizado pela mídia esportiva brasileira” (2020, p.43).

Em 1995, na Suécia, a equipe também foi eliminada na primeira fase. Para Napoleão (2024), a participação do time nacional no Mundial não atendeu as expectativas mais uma vez. O Brasil venceu a Suécia no jogo de estreia por 1 a 0, mas foi derrotado nas duas partidas seguintes pelo Japão, por 2 a 1, e pela Alemanha, por 6 a 1.

O ano de 1999 foi um marco para o Brasil em Copas do Mundo femininas. Logo na primeira fase do Mundial sediado nos Estados Unidos, a equipe teve pela frente Itália, Alemanha e México e se classificou para as quartas de final após um empate (por 3 a 3 contra a Alemanha) e duas vitórias (7 a 1 em cima do México e 2 a 0 diante da Itália). Na fase seguinte, enfrentou a Nigéria na primeira partida da história dos Mundiais Femininos a ser decidida no formato gol de ouro: a Seleção Brasileira passou para a semifinal com uma vitória por 4 a 3. Na semifinal, o time jogou contra os Estados Unidos e, derrotado por 2 a 0, foi para a disputa do bronze, quando enfrentou a Noruega e garantiu a medalha na disputa de pênaltis (5 a 4).

Na Copa do Mundo de 2003, sediada nos Estados Unidos, o Brasil iniciou a competição em um grupo com Noruega, França e Coreia do Sul. “Na primeira partida venceu a Coreia do Sul por 3 a 0, posteriormente goleou a Noruega por 4 a 1, na última partida desta fase empatou com a França por 1 a 1. Nas quartas de final perdeu para a Suécia por 2 a 1 e foi eliminada da competição” (Napoleão, 2024, s.p.).

Foi em 2007 que a Seleção Brasileira Feminina conquistou seu melhor resultado em Mundiais: a equipe foi vice-campeã na Copa do Mundo disputada pela segunda vez na China. Na fase de grupos da competição foram três vitórias, sobre a Nova Zelândia (5 a 0), China (4 a 0) e Dinamarca (1 a 0). Nas quartas de final, venceram a Austrália por 3 a 2. Já na semifinal, golearam os Estados Unidos por 4 a 0. O Brasil chegou perto do título, mas foi derrotado por 2 a 0 pela Alemanha na final.

Em 2011 a equipe nacional chegou apenas até as quartas de final. Na primeira fase, derrotou a Austrália (1 a 0), Noruega (3 a 0) e Guiné Equatorial (3 a 0). Na fase seguinte, mais uma vez, a Seleção Brasileira esbarrou nos Estados Unidos e, na ocasião, foi eliminada nos pênaltis.

Em 2015, o número de equipes participantes aumentou de 16 para 32 e agora, em vez de ir diretamente para as quartas de final, ainda tinha as oitavas de final. Na fase de grupos, o

Brasil venceu a Coreia do Sul (2 a 0), Espanha (1 a 0) e Costa Rica (1 a 0). Nas oitavas de final, encontrou novamente uma velha conhecida: a Austrália, que derrotou as brasileiras por 1 a 0.

Em 2019, mais uma vez o fantasma das oitavas assombrou o Brasil. Esta Copa do Mundo foi disputada na França e, logo na segunda fase, as brasileiras precisaram enfrentar as donas da casa. Na fase de grupos, duas vitórias e uma derrota. Os triunfos foram diante da Jamaica (3 a 0) e da Itália (1 a 0), já o revés foi contra a Austrália, por 3 a 2. Nas oitavas de final, o Brasil conseguiu arrancar um empate por 1 a 1 no tempo normal, mas na prorrogação a França marcou o segundo gol e confirmou a eliminação da Seleção Brasileira.

A participação mais recente do Brasil no Mundial Feminino foi em 2023. A equipe não conseguiu passar da primeira fase pois, apesar da vitória por 4 a 0 sobre o Panamá, foi derrotada novamente pela França por 2 a 1, e empatou em 0 a 0 com a Jamaica.

Foram muitos altos e baixos durante as participações da Seleção Brasileira Feminina nas Copas do Mundo, mas uma coisa é certa: a cada ano que passa, um “maior Mundial de todos os tempos surge”¹³ porque, apesar da evolução da modalidade, a cobertura midiática ainda tem muito a melhorar para trazer visibilidade. Além disso, o Brasil chegando às finais ou não, a repercussão nunca é a mesma do que quando é a vez da Seleção Masculina.

¹³**Por que essa é a maior Copa do Mundo feminina de todos os tempos.** Placar, 13 jul.2023. Disponível em: <https://placar.com.br/coluna/elas-na-area/por-que-essa-e-a-maior-copa-do-mundo-feminina-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

3. A importância do jornalismo para o esporte

Este capítulo expõe a relevância que o jornalismo tem para a visibilidade esportiva. Seus desdobramentos evidenciam que a profissão foi de extrema importância para a expansão do futebol pelo Brasil e o subcapítulo 3.1 retrata justamente. Já a parte 3.2 coloca luz sob a falta de comprometimento da imprensa com o futebol de mulheres.

Segundo Perdomo (2015, p.13.), “o jornalismo só existe como profissão e tem uma função na sociedade porque trabalha para fornecer à população informação que contribua com o desenvolvimento de sua cidadania”. A profissão fornece notícias que colaboram para o desenvolvimento da pessoa como cidadã, mas também contribui para a formação de personalidade.

Quando se pensa em cidadão o senso comum indica uma pessoa íntegra, bem-informada, que contribui para a sociedade, engajada politicamente etc. Mas na realidade, ser “cidadão” é algo bem mais simples do que isso. Como explica o site Jusbrasil¹⁴, a cidadania tem relação direta entre o povo e o direito de participar das decisões administrativas do estado. A cidadania estabelece vínculo com os direitos, sejam eles políticos ou econômicos, e o cidadão tem direito à vida, à liberdade, à propriedade e à igualdade perante a lei etc.

Ou seja, o jornalismo é utilizado como ferramenta por toda a sociedade, justamente por todos serem cidadãos. Logo, “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (Kovach e Rosenstiel, 2004, p. 31).

Para Traquina (2005), o jornalismo pode ser definido como um “quarto poder”, já que tem a capacidade de investigar os três poderes constitucionais e a possibilidade de divulgar informações que permitam a existência da democracia. O “quarto poder” está diretamente relacionado à sociedade, já que, segundo o autor,

O poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento das suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também por parte das empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria, e ignorando a existência dos ideais mais nobres do jornalismo, que fornecem uma manta de legitimidade ao negócio. (Traquina, 2005, p.207-208)

¹⁴**O que a constituição diz sobre a cidadania.** JUSBRASIL, 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-que-a-constituicao-diz-sobre-a-cidadania/731709672#:~:text=A%20cidadania%20esta%20diretamente%20ligada,sejam%20eles%20pol%C3%ADticos%20ou%20econ%C3%B4micos>. Acesso em 13 jun.2024.

Entende-se, portanto, que, teoricamente, o jornalismo tem relação direta com o bom funcionamento de uma comunidade, visto que colabora para que as pessoas exerçam seus direitos e deveres de cidadãs.

O jornalismo abrange diversas editorias e, por mais que umas sejam mais populares que outras, é importante frisar que toda notícia é notícia e que elas são filtradas pelos critérios de noticiabilidade. Por isso, dentro de um jornal impresso, por exemplo, elas ficam divididas por temas e pelas próprias editorias. Se fosse um canal de televisão, os temas seriam divididos em quadros dentro de um programa, ou até mesmo em programas diferentes.

O jornalismo contribui para a formação de personalidade porque leva para dentro das casas temas distintos. A partir deste ponto, as pessoas identificam o que mais gostam de saber e o que menos gostam, mas não apenas isso. O jornalismo dá voz e espaço para o desenvolvimento de diversas áreas. Para Borelli (2002, p.1.), “vale ressaltar que o esporte sem linguagem torna-se apenas um movimento biomecânico e fisiológico, não sendo levado em conta seu aspecto simbólico, cultural, social”, ou seja, o jornalismo transforma o esporte.

Portanto, colocando diversas áreas da vida em evidência, o jornalismo contribui para a formação da personalidade, porque desempenha um papel crucial fornecendo informações, promovendo a reflexão crítica e fortalecendo a participação cívica e democrática. Mas não apenas isso, pois contribui para a formação de uma identidade cultural e social, para o desenvolvimento da opinião e para a consciência social, que são coisas de extrema importância quando se pensa na definição de personalidade.

É óbvio que nem tudo funciona como na teoria, principalmente porque muitas vezes o jornalismo é utilizado como pano de fundo para dar visibilidade às chamadas *fake news*¹⁵ ou até para dar credibilidade a pessoas que não respeitam a profissão e seus princípios. Mesmo assim, é inegável que o jornalismo é fundamental para o bom desenvolvimento da sociedade, principalmente atualmente, quando grande parte das coisas tem relação com a mídia.

A perspectiva adotada aqui é a de que mídia e sociedade moderna não podem ser entendidas como departamentos autônomos, independentes entre si: a sociedade moderna é, em última instância, uma sociedade “midiatizada”. A mídia seria, assim, um espaço privilegiado de produção de discursos sociais e dos espetáculos esportivos modernos como um dos emblemas mais visíveis deste processo de “midiatização” de eventos culturais. (Helal, 2001, p. 151)

¹⁵Fake news são notícias falsas que alimentam campanhas de desinformação. Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/fake-news/>. Acesso em 13 jun.2024.

Helal explica justamente que, hoje em dia, é impossível desvincular a mídia e a sociedade e, da mesma forma, é impossível pensar em mídia sem pensar em jornalismo, até por conta da evolução da profissão. O autor ainda usa como exemplo eventos esportivos, que mudaram sua perspectiva com a midiaticização e agora buscam cada vez mais espaço para cobertura e patrocinadores. Essa mudança tem muito a ver com o desenvolvimento do jornalismo esportivo, que aos poucos ganhou espaço nas mídias tradicionais, como jornais impressos, televisão e rádio, e hoje é uma das principais editorias.

3.1. Jornalismo esportivo no Brasil

O jornalismo esportivo no Brasil desempenha um papel fundamental na sociedade, não apenas como uma forma de entretenimento, mas também como um meio de informação e análise que permeia a cultura nacional. Além disso, a profissão também reflete as mudanças sociais, políticas e tecnológicas no esporte ao longo do tempo.

A função do jornalismo esportivo vai além de simplesmente relatar os resultados de jogos e competições. Ele atua como um canal de comunicação que conecta atletas, times, eventos esportivos e torcedores, proporcionando uma plataforma para debates, análises e críticas.

No contexto brasileiro, o jornalismo esportivo desempenhou um papel crucial na divulgação e popularização do futebol, que se tornou o esporte mais amado e seguido do país. Desde os primeiros relatos de partidas de futebol nos jornais até a cobertura detalhada dos campeonatos nacionais e internacionais, o jornalismo esportivo tem sido um catalisador para o crescimento e a profissionalização do esporte no Brasil.

Com o avanço da tecnologia e o surgimento das mídias digitais, a profissão expandiu seus horizontes, alcançando um público global através de plataformas online, redes sociais e transmissões ao vivo. Isso não apenas democratizou o acesso à informação esportiva, mas também abriu novas oportunidades para jornalistas especializados e comentaristas, que hoje podem desempenhar seu papel de forma autônoma.

No Brasil, o jornalismo esportivo não é apenas uma atividade profissional, mas uma parte essencial da identidade cultural do país. Não à toa, está no horário de almoço da maior emissora de televisão aberta do país.

Porém, nem sempre o jornalismo esportivo foi uma editoria relevante como é considerada hoje. No Brasil, a evolução e ascensão do tema muito tem a ver com a chegada do futebol e sua popularização.

O jornalismo esportivo se desenvolveu no Brasil concomitantemente à popularização do futebol. Desde o início, foi uma especialidade menos relevante dentro do jornalismo, nitidamente subalterna em relação ao jornalismo político, por exemplo, e atraía profissionais com menos habilidades e ambições que os redatores políticos e/ou literários. (Stycer, 2009, p. 172).

No começo, pouco se dava valor aos esportes nos jornais. Quando citavam alguma prática, certamente estavam falando sobre remo e turfe. Mesmo com o começo da ascensão do jornalismo esportivo, o tema não era futebol. Ribeiro (2007) afirma que o nascimento do jornalismo esportivo no Brasil aconteceu em 1856, com o jornal O Atleta, que passava receitas para aprimoramento físico no Rio de Janeiro. A partir daí, outros veículos foram sendo criados, mas vale ressaltar que o esporte não tinha muito espaço nos grandes jornais da época.

Pouco depois, em 1885, circularam O Sport e O Sportsman. Em 1891, surgiu em São Paulo A Platea Sportiva, um suplemento de A Platea, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista O Sport e o jornal Gazeta Sportiva (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo. (Ribeiro, 2007, p. 26-27).

Com o passar do tempo, o futebol virou uma paixão nacional e, de acordo com Ribeiro (2007), está presente no cotidiano de grande maioria da população brasileira. É difícil dizer se o futebol ganhou relevância por causa do jornalismo esportivo ou vice-versa, mas uma coisa é certa: os dois temas estão constantemente em evidência no território nacional. Porém, antes dessa expressiva popularização, os amantes de futebol no começo dos anos 1900 precisavam correr atrás dos jornais para buscar divulgação.

Emplacar pautas relacionadas ao futebol naquele cenário em São Paulo era muito difícil. Mas fechar os olhos para o crescimento do futebol nas várzeas parecia um grave erro de avaliação dos responsáveis pelos principais jornais da época. Porém, como a elite também imperava nas redações, a criação da primeira Liga do Futebol Paulista, no final de 1901, com apenas cinco clubes da elite, virou notícia. (Ribeiro, 2007, p. 23).

Além da criação da Liga de Futebol Paulista, outra coisa relacionada ao futebol que virou notícia foi a realização de partidas interestaduais entre times do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em terras cariocas, a modalidade não estava tão avançada quanto em território paulista, mas as equipes tiveram bons empates e os jogos foram importantes para ganhar espaço nos jornais.

Com a evolução do futebol, o esporte ganhou mais visibilidade nos veículos impressos, até porque, a partir de 1914 a Seleção Brasileira masculina já havia sido criada. Mas outro grande amigo da modalidade foi o rádio. Com a consolidação do rádio a partir da década de 1930, surgiu a possibilidade de saber o que acontecia nas partidas em tempo real. Eventos como a Copa do Mundo eram transmitidos pelas rádios e assim a população sabia os resultados do Brasil em primeira mão. Este meio de comunicação é muito popular até hoje e ainda é reconhecido por suas transmissões esportivas, que fazem com que os fãs de futebol possam escutar os jogos de qualquer lugar.

A relação entre o rádio e o jornalismo esportivo é profundamente significativa e historicamente rica. Desde os primórdios do rádio como meio de comunicação de massa, o esporte sempre teve um papel central. O rádio foi um dos primeiros meios a transmitir eventos esportivos ao vivo, oferecendo uma experiência auditiva única que permitia aos ouvintes imaginar vividamente cada lance, gol e momento emocionante.

A importância da rádio no jornalismo esportivo reside em sua capacidade de alcançar um público amplo e diversificado. Mesmo em áreas onde o acesso à televisão pode não tão viável, o rádio é um meio acessível e ubíquo. Isso significa que eventos esportivos, notícias, análises e comentários podem chegar a uma vasta audiência.

Um aspecto fundamental é a capacidade do rádio de capturar a essência emocional do esporte. Os narradores esportivos têm a habilidade de transmitir paixão, tensão e alegria através de suas vozes, criando uma conexão íntima com os ouvintes que muitas vezes vai além do que pode ser transmitido visualmente na televisão. Essa capacidade de contar histórias de forma envolvente é uma característica única do rádio e contribui para sua duradoura relevância no jornalismo esportivo.

Ribeiro (2007), explica que no início de sua trajetória, a imprensa esportiva precisava implorar para ter espaço nos principais jornais do Brasil. Mas a partir de 1930, com o desenvolvimento do rádio, e de 1950, com a televisão, noticiar o futebol, “a maior paixão do brasileiro”, passou a ser, além de um grande negócio, obrigação.

A televisão também deu espaço para o jornalismo esportivo e, principalmente, para o futebol. A maior emissora do Brasil, a TV Globo, por exemplo, tem um programa chamado Globo Esporte que, desde 1978, de segunda a sexta-feira, traz as principais notícias esportivas do país e o foco, em sua maioria, é relacionado ao futebol.

A relação entre jornalismo esportivo e televisão é profundamente interligada e tem evoluído significativamente desde os primeiros dias da transmissão esportiva. A televisão se

tornou uma plataforma central para a cobertura de eventos esportivos, oferecendo uma maneira eficaz de alcançar um público amplo e diversificado.

A televisão revolucionou a forma como os eventos esportivos são consumidos. Ao transmitir jogos ao vivo, ela proporciona uma experiência imersiva que permite aos espectadores acompanhar cada lance em tempo real. Além das transmissões ao vivo, a televisão desempenha um papel central na produção de programas de análise, debates e entrevistas que complementam a cobertura esportiva.

Além disso, a televisão impulsiona a narrativa esportiva ao transformar atletas em celebridades e ídolos populares. As histórias de sucesso, superação e rivalidade são amplamente disseminadas, moldando a cultura esportiva e influenciando a maneira como os fãs percebem seus "heróis" esportivos.

Para Bourdieu (1997), as televisões são levadas pela concorrência e recorrem aos velhos truques de jornais sensacionalistas "dando o primeiro lugar, quando não é todo lugar, às variedades e às notícias esportivas" (Bourdieu, 1997, p. 73). Isso confirma que o esporte faz parte do cotidiano na vida das pessoas, já que sempre tem lugar na televisão.

Borelli (2002), afirma que, comparando outras editorias como economia, educação e política com o esporte, este último ocupa mais espaço em grande parte dos jornais no Brasil. Para justificar a intensificação deste fenômeno com a cultura de massa, Helal (1997, *apud* Borelli) defende que é importante notar como o esporte também é um fenômeno da comunicação de massa.

Mas vale ressaltar que o futebol que passou a ter espaço nas mídias tradicionais é o futebol praticado por homens. O futebol de mulheres nem sempre esteve em evidência e, até hoje, luta por espaço nos jornais.

A falta de apoio do jornalismo esportivo ao futebol feminino é uma questão significativa e multifacetada que reflete desafios estruturais mais amplos dentro do campo esportivo e midiático. Historicamente, o futebol feminino enfrenta negligência em comparação com o futebol masculino em várias esferas, incluindo a cobertura midiática.

3.2. Jornalismo esportivo e o futebol de mulheres

Para abordar jornalismo esportivo e futebol de mulheres, é importante lembrar que, segundo Januário, Lima e Leal (2020), existe um hiato de 61 anos entre a primeira Copa do Mundo Masculina de Futebol e a Feminina. Este marco já evidencia que a realidade das modalidades é bem diferente.

Costa (2017, *apud* Januário, Lima e Leal) reforça que entre 1940 e 1980, os registros da prática do futebol de mulheres eram raros, ressaltando que neste período ainda vigorava a proibição (explicada no subcapítulo 2.2).

O periódico carioca *Jornal dos Sports* apoiou a inserção feminina no futebol com editoriais, cobertura de campeonatos e jogos avulsos, chegando até mesmo a patrocinar pequenos eventos por volta de 1940 (Costa, 2017). Já na década de 1970, o jornal *O Globo* noticiou o primeiro Campeonato de Futebol Feminino, na Itália. Na televisão, as primeiras aparições de partidas de futebol de mulheres (FM) só vieram acontecer a partir da década de 1990, no canal aberto TV Bandeirantes, com o incentivo do narrador Luciano do Valle. Desde então, esta emissora transmite, sem regularidade, campeonatos e jogos entre mulheres. (Januário; Lima; Leal, 2020).

No Brasil, Silva (2023) afirma que o torneio mais antigo de que se tem registro, posterior à revogação da proibição, é a Taça Brasil, que teve início em 1983 e era gerenciada pelas federações do país. Só em 1988 a Confederação Brasileira de Futebol assumiu a competição, que teve duração até 1996. “No acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro são encontradas informações relevantes sobre algumas partidas, além de locais e horários de disputas da Taça Brasil, mas sobre as transmissões os registros são escassos.” (Silva, 2023, p. 14).

A autora comenta sobre alguns poucos registros desta competição, mas reforça que não houve nada de muita relevância nos veículos. Vale ressaltar que nos anos 1980 o futebol já era considerado paixão nacional. Mas esta paixão se tratava apenas do esporte praticado por homens.

A relação entre o jornalismo esportivo e o futebol feminino é um reflexo complexo das dinâmicas sociais, históricas e estruturais que permeiam o esporte e a mídia. Enquanto o futebol masculino desfruta de uma cobertura extensiva e detalhada nos principais veículos de comunicação, o futebol feminino fica com um espaço pequeno.

Apesar dos avanços significativos nas últimas décadas, as ligas femininas enfrentam desafios como financiamento limitado, menor procura de patrocinadores e menor cobertura televisiva. Esses fatores resultam em menos oportunidades para que as jogadoras sejam vistas e reconhecidas em um cenário midiático amplamente dominado pelo esporte masculino.

Além de questões chamadas “estruturais”, que já deviam ter sido desmistificadas, também há aspectos culturais e sociais, como a minimização das conquistas de atletas mulheres, foco excessivo na aparência em relação às habilidades esportivas e a tendência de comparação com o desempenho dos homens no mesmo esporte. Todas estas questões influenciam a forma como o futebol feminino é apresentado na mídia, além de criar um ciclo

vicioso: não está na mídia, porque não é de interesse do público, e não é de interesse do público porque não está em destaque nos veículos.

Vale destacar que houve grandes avanços na cobertura do futebol de mulheres, principalmente quando se trata de Copa do Mundo. O Mundial aumenta cada vez mais a visibilidade do esporte e o reconhecimento das jogadoras, ajudando no aumento de investimentos, por exemplo.

A Copa do Mundo Feminina de Futebol da FIFA é realizada desde 1991. A Seleção Brasileira chegou a resultados importantes em 1999, quando ficou em terceiro lugar, e em 2007, quando foi vice-campeã. De acordo com Januário, Lima e Leal (2020), mesmo com os resultados relevantes o assunto foi pouco tematizado pela mídia esportiva brasileira.

Para a consolidação desses avanços, é necessário um compromisso contínuo dos veículos com a promoção da igualdade de gênero no futebol. Isso inclui muitas questões, como transmissão das ligas nacionais em canais abertos.

O debate sobre jornalismo esportivo e futebol de mulheres é importante porque os veículos de mídia desempenham um papel crucial no processo de consolidação e desenvolvimento do esporte, pois têm o poder de guiar a percepção pública e acender uma lanterna evidenciando onde ainda está escuro.

A relação complexa entre o jornalismo esportivo e o futebol feminino reflete também uma oportunidade para transformar paradigmas e promover uma representação mais equitativa e inclusiva no mundo do esporte e da mídia. Com um compromisso coletivo em desafiar estereótipos, aumentar a visibilidade e investir no crescimento sustentável do futebol feminino.

4. Copa do Mundo, Seleção Brasileira e o jornal impresso

De quatro em quatro anos, os olhos se voltam para um dos campeonatos mais aguardados do planeta. A Copa do Mundo é um marco e mede quem será considerada a próxima potência. Foi a competição que consagrou a Seleção Brasileira Masculina como a melhor do mundo, sendo a única com cinco títulos. Para a equipe Feminina, representa a busca pela primeira estrela e a consolidação do futebol de mulheres no Brasil.

“A Copa do Mundo é um excelente momento para se refletir sobre o significado do futebol no Brasil, já que, nesta época, as manifestações deste esporte tornam-se muito mais intensas e dramáticas” (Helal, 2001, p. 151). Como explica Helal, o Mundial é um momento importante para refletir sobre a influência do esporte no país, e com as análises apresentadas neste capítulo, será possível observar que apenas uma das modalidades têm destaque, evidenciando quem de fato está na "boca do povo".

Os jornais impressos desempenham um papel importante na dinâmica entre Seleção Brasileira e Copa do Mundo. Antes mesmo do início de cada Mundial, os jornais começam a cobrir os aspectos da preparação da seleção: desde os amistosos de aquecimento até a convocação final dos jogadores. Muitos detalhes são abordados, desde o desempenho dos jogadores-chave até as táticas planejadas pelo técnico.

Apesar da forte influência da mídia digital e das redes sociais, os jornais impressos continuam a desempenhar um papel vital na cobertura da Copa do Mundo, oferecendo uma profundidade de análise e um contexto histórico que complementam as atualizações instantâneas online. A cada quatro anos, os jornais não apenas narram os jogos, mas também moldam a narrativa cultural e social que envolve a paixão nacional pelo futebol.

Por esses motivos, o objeto de análise escolhido foi o jornal O Globo e suas publicações impressas, acessadas através do acervo do jornal.

4.1, A Seleção Brasileira Masculina na Copa do Mundo FIFA 2022 pela perspectiva do O Globo

Através do acervo digital de O Globo, foi possível fazer um recorte de todas as matérias publicadas pelo jornal entre os dias 23 de novembro e 3 de dezembro de 2022. Este período corresponde ao tempo da Seleção Brasileira Masculina na fase de grupos da competição, incluindo um dia antes do primeiro jogo e um dia depois do último jogo. O Brasil avançou até as quartas de final, quando foi eliminado nos pênaltis pela Croácia.

Para a Copa do Mundo, O Globo criou um caderno especial, chamado “Catar 2022”. Neste espaço, só foram veiculadas notícias sobre a competição. O jornal manteve a tradicional parte de “esportes” para divulgar notícias sobre clubes e outros assuntos relacionados que não tinham a ver com o Mundial.

No dia 23 de novembro, um dia antes da estreia da Seleção Brasileira Masculina na Copa do Mundo de 2022, O Globo lembrou o histórico episódio do 7 a 1, em que o Brasil foi derrotado pela Alemanha na semifinal do Mundial de 2014, que aconteceu no Brasil. Além de citar o ocorrido na capa do jornal com o título “Ecos do 7 a 1”, o caderno “Catar 2022” também trazia Brasil e Alemanha em sua primeira página. O jornal decidiu, então, falar sobre “Uma nova geração de brasileiros formada depois do 7 a 1”. A matéria ocupou mais da metade da página.

O dia 24 de novembro teve a Seleção Brasileira na capa novamente, mas desta vez ilustrada com uma foto do técnico Tite, que ainda não tinha revelado a escalação da estreia do Brasil. O técnico também teve uma grande foto estampada na capa do caderno “Catar 2022”, além de ter uma matéria ocupando uma página inteira dentro do caderno especial. Outro que também ganhou destaque neste dia foi Vinicius Jr., na matéria “O tempo do malvadeza: pronto para ser protagonista”. Neste dia, a Seleção Brasileira venceu a Sérvia com o placar de 2 a 0, gols de Richarlisson.

Após a vitória, no dia 25 de novembro, O Globo abriu sua capa com uma grande foto do voleio de Richarlisson e a manchete: “Seleção exhibe sua força ao bater a Sérvia”. O camisa 9 do Brasil na Copa também estampou a capa do caderno “Catar 2022”. Uma matéria sobre o triunfo da equipe ocupou toda uma página do caderno especial e contou com a opinião de columnistas. O Brasil ocupou mais uma página inteira neste dia, mas dividida em três matérias: “Muito além do carisma, o faro de gol com a nove: decisivo na estreia, Richarlisson marca duas vezes e se torna artilheiro da seleção nos últimos quatro anos”, “Neymar vai jogar a Copa’ diz Tite após lesão do camisa 10” e “Dados apontam atuação impecável da defesa”. Finalizando a sessão, ainda coube uma reportagem de mais de meia página com o tema “Estreia promove o resgate da camisa amarela”.

Dois dias após a estreia, no dia 26 de novembro, a Seleção Brasileira ainda ganhou seu espaço na capa do Globo. Desta vez, a lesão de Neymar e as opções que Tite teria para substituí-lo foram os assuntos ressaltados. Este foi o primeiro dia em que o Brasil não estampou a capa do caderno “Catar 2022”. Em quase uma página inteira, o jornal falou sobre “Neymar revive drama de lesões: histórico complica recuperação”, e explicou o trauma sofrido pelo jogador.

Na sequência, abordou o treino fechado por opção de Tite, que ainda iria definir quem substituiria Neymar enquanto estava lesionado.

No dia 27 de novembro, mais uma vez a Seleção Brasileira Masculina ocupou a capa do Globo. Dessa vez, o jornal afirma que Rodrygo estava “pronto para a missão”, pois seria o jogador mais apto a substituir Neymar. No caderno especial sobre a Copa do Mundo, a matéria sobre o jogador ocupava quase uma página inteira. A folha ficou completa com uma reportagem sobre o atleta Casemiro defendendo Neymar Jr.

No dia 28 de novembro o Brasil entrou em campo novamente, e a manchete na capa do Globo enfatizava: “Sem Neymar, nova safra do Brasil busca vaga nas oitavas”. Na capa do caderno “Catar 2002”, o jornal fez uma brincadeira com as figurinhas, tão famosas no período de Mundial, reforçando mais uma vez que chegara o momento de fazer uma troca, por conta da lesão de Neymar. Em uma página inteira, foram abordados alguns tópicos, como a forma como a Seleção jogaria e quais seriam as opções do técnico Tite. Por fim, uma reportagem sobre o estádio em que o jogo aconteceria ainda ocupou metade de uma página.

A Seleção Brasileira venceu a Suíça por 1 a 0, ganhando destaque em metade da capa do Globo no dia 29 de novembro. Com a vitória, o destaque na abertura do caderno especial foi para o gol de Casemiro. Na sequência, uma página inteira abordou o triunfo do Brasil, outra página ficou dividida entre uma matéria sobre a ofensividade do volante Casemiro e uma sobre a defesa brasileira, que ainda não tinha sofrido chutes a gol. O caderno especial encerrava com uma reportagem sobre uma torcida apaixonada pela Seleção Brasileira na Faixa de Gaza.

O Brasil seguiu sendo pauta na capa do Globo no dia 30 de novembro. Dessa vez o jornal afirmou que “Seleção Brasileira vai entrar com time reserva” em partida contra Camarões, a escolha foi justificada pelo fato de a equipe já ter confirmado a vaga nas oitavas de final. No mesmo dia, trouxe a informação sobre um clima leve nos bastidores, já que foi liberada a entrada de familiares na concentração dos jogadores.

No dia anterior à última partida da Seleção Brasileira na fase de grupos da Copa do Mundo de 2022, 1 de dezembro, o destaque na capa do Globo ficou em Neymar, que disse estar “zerado” para a próxima fase da competição. Em uma matéria especial no caderno “Catar 2022”, Bruno Guimarães falou sobre sua trajetória até se tornar um jogador reconhecido. Além desta página completa com a história de Bruno, a recuperação de Neymar ocupou metade de outra folha.

Chegou o dia do último jogo do Brasil na fase de grupos do Mundial em 2022, e o jornal reforçou que quem entraria em campo naquele dia seriam os reservas. No dia 2 de dezembro, a maior matéria do caderno especial foi justamente falando sobre o teste dos jogadores reservas;

na sequência, uma reportagem sobre o ritual religioso do técnico Tite. Por fim, o jornal deu destaque ao lateral Daniel Alves, que na época era considerado como referência pela equipe.

No dia 3 de dezembro, o foco da abertura do Globo foi para a derrota brasileira por 1 a 0, mas reforçando que a equipe havia conseguido a classificação para a próxima fase. A capa do caderno “Catar 2022” abordou os jogos do mata-mata, afirmando que o Brasil ficou do lado fácil da balança. Uma página inteira noticiou a derrota da Seleção para Camarões. Em seguida, o jornal deu foco às lesões e cortes de atletas que o Brasil sofreu. Por fim, trouxe uma grande análise de como seria o caminho do Brasil até a grande final, além de falar sobre outras equipes sul-americanas.

Nas oitavas de final, a Seleção Brasileira venceu a Coreia do Sul por 4 a 1. Os gols do Brasil foram de Vinicius Jr., Neymar, Richarlison e Lucas Paquetá. Já nas quartas de final, a equipe nacional empatou com a Croácia por 0 a 0 no tempo normal e por 1 a 1 na prorrogação com um gol de Neymar, mas foi derrotada na disputa de pênaltis por 4 a 2. Apesar da classificação da Seleção para estas duas etapas, as matérias do Globo correspondentes a este período não foram analisadas, para manter a paridade com o período em que a Seleção Feminina esteve na competição, que foi apenas durante a fase de grupos.

É notável que a Seleção Brasileira Masculina esteve sempre em evidência no jornal O Globo, com grandes matérias e até com informações sobre os bastidores e outras pautas que também remeteram à Seleção. Além do destaque à equipe, o jornal ainda optou por ter um caderno especial sobre a Copa do Mundo FIFA 2022, falando também sobre as outras seleções e trazendo mais informações sobre o campeonato, incluindo uma parte com probabilidades, que deixava o leitor curioso para saber qual equipe teria mais chance de vencer a competição.

4.2. A Seleção Brasileira Feminina na Copa do Mundo FIFA 2023 pela perspectiva do O Globo

Observando ainda o acervo digital do jornal O Globo, foi possível ter acesso às matérias publicadas entre os dias 23 de julho e 3 de agosto de 2023, que coincidem com um dia antes da estreia da Seleção Brasileira Feminina e um dia depois da eliminação da equipe da competição, no fim da fase de grupos. É importante destacar que, diferentemente da cobertura durante a Copa do Mundo Masculina, na Feminina não houve um caderno especial. As matérias relacionadas à competição dividiam espaço com o noticiário normal de esportes.

No dia 23 de julho, a Seleção Feminina ganhou espaço na capa do Globo com uma matéria sobre a atacante Gabi Nunes e a ginecologista do time. Para começar a cobertura da trajetória brasileira no Mundial da Austrália e Nova Zelândia, O Globo exibiu uma matéria especial sobre o projeto em construção da Seleção Feminina. Além disso, aumentou a visibilidade da equipe ao falar sobre “as pedras no caminho”, em uma reportagem que ocupou meia página. A matéria especial sobre a atleta Gabi Nunes ocupou uma página inteira, enquanto metade de outra página falou sobre “olhar feminino quebra tabu da menstruação na equipe de Pia” (a sueca Pia Sundhage era a técnica da seleção na ocasião). O Brasil ainda foi citado em um levantamento sobre perfil das seleções e suas jogadoras. Por fim, o jornal reforçou que o Mundial seria palco de estreias e despedidas de diversas atletas, e falou um pouco sobre o legado de Marta.

No dia 24 de julho, a capa do Globo veio com a manchete “Seleção estreia com o desafio de ser mais que Marta”, e a matéria sobre este assunto ocupou uma página inteira na seção de esportes, que foi a única reportagem sobre o Brasil publicada neste dia. A edição deste dia foi seguida por uma matéria falando sobre o empate por 0 a 0 entre França e Jamaica, que também estavam no Grupo F junto do Brasil, além de uma tabela com os primeiros resultados da Copa e a classificação dos grupos.

Com a vitória da Seleção Brasileira sobre o Panamá por 4 a 0, na edição do dia 25 de julho, Ary Borges, que marcou três vezes na partida, ganhou destaque na capa do Globo, que também divulgou imagens de algumas jogadas da equipe durante a partida. Neste dia, o Brasil tomou conta de uma página inteira novamente, mas dessa vez um quarto falava sobre o jogo, enquanto o restante destacava a atuação de Ary Borges.

No dia 26 de julho, nada da Seleção Brasileira Feminina ganhou espaço na capa do Globo. Na sessão de esportes, a única matéria que citou o Brasil foi sobre lesões de Ligamento Cruzado Anterior (LCA), em que a goleira Lorena e a atacante Ludmila foram citadas.

No dia 27 de julho a Seleção não foi lembrada na capa do Globo e em nenhuma matéria dentro do jornal.

Já no dia 28 de julho, a Seleção Feminina voltou a aparecer na capa do jornal, dessa vez falando sobre a evolução das goleiras na Copa Feminina e utilizando uma foto da brasileira Leticia Izidoro. Na parte de esportes, o tema “goleiras” foi dividido em duas matérias que, juntas, ocuparam uma página. Uma das matérias era sobre atletas dessa posição no geral e a outra sobre a goleira do Brasil.

No dia 29 de julho, o espacinho da Seleção na capa foi da ex-coordenadora de seleções femininas da CBF, Ana Lorena Marche. Lorena deu uma entrevista para O Globo, que ocupou

uma página inteira na sessão de esportes. Neste mesmo dia, outra matéria falava sobre a equipe feminina: “Brasil busca classificação e fim da escrita hoje contra a França”.

No dia seguinte (30 de julho), um pequeno espaço na capa abordou a derrota da Seleção para a França por 2 a 1. Na sessão de esportes, uma matéria explicitou como foi a partida entre as equipes.

No dia 31 de julho não houve nenhuma matéria sobre a Seleção Feminina.

No dia 1 de agosto, não teve destaque na capa para a equipe feminina do Brasil. Na parte de esportes, o jornal abordou “opções de Pia para furar o bloqueio jamaicano” e a visibilidade lésbica, falando também sobre jogadoras da Seleção Brasileira.

Dia 2 de agosto foi quando as brasileiras entraram em campo buscando a classificação para a próxima fase da Copa do Mundo, no entanto, não tiveram nenhum destaque na capa do Globo. Na sessão de esportes, foi publicada uma análise da equipe que enfrentaria a Jamaica. Neste dia, o Brasil foi eliminado da Copa do Mundo.

Por fim, no dia 3 de agosto, um dia após o empate com a Jamaica por 0 a 0, que resultou na eliminação brasileira, O Globo trouxe uma foto da Marta na capa, com o título “Anatomia de uma derrota”. Na sessão de esportes, colunistas do jornal analisaram a eliminação. Na mesma página, abordaram a despedida de Marta das Copas do Mundo. O jornal também publicou uma matéria sobre a partida e uma análise da atuação de cada jogadora do Brasil.

4.3. Análise

Antes de iniciar a análise, é importante lembrar que a Seleção Brasileira Masculina se classificou para a segunda fase da Copa do Mundo após a fase de grupos, disputando ao todo cinco partidas. Já a Seleção Feminina foi eliminada após três jogos. Ainda assim, o resultado das equipes não influencia na quantidade de matérias, já que estiveram disputando a primeira fase da competição durante a mesma quantidade de dias, o que restringiu a análise a essa etapa.

O futebol feminino tem ganhado cada vez mais espaço nos jornais impressos, mas ainda não é o suficiente, visto que é o mesmo esporte praticado por homens. Tradicionalmente dominado pela cobertura do futebol masculino, os periódicos têm buscado, ainda que de forma preguiçosa, equilibrar essa disparidade, destacando não apenas os resultados e estatísticas, mas também as histórias pessoais e os desafios enfrentados pelas jogadoras.

A cobertura do futebol feminino muitas vezes enfrenta obstáculos como a falta de recursos dedicados, menor visibilidade e preconceitos arraigados, afinal, segundo Silvana Goellner (2009, p.271), “a história das mulheres no universo cultural do esporte brasileiro é

marcada por rupturas, persistências, transgressões, avanços e recuos”. Enquanto o futebol masculino está sempre em evidência, tem diversos patrocinadores e muitos jornalistas para cobrir seus campeonatos.

A diferença de abordagem entre as modalidades nos jornais impressos reflete não apenas as disparidades históricas, mas também a menor visibilidade que a mídia impressa dá ao esporte praticado por mulheres. À medida que o interesse pelo futebol feminino continua a crescer, espera-se que a cobertura midiática continue a evoluir, promovendo uma representação mais justa e igualitária do esporte em todas as suas formas.

Dito isso, é importante ressaltar que a cobertura da Copa do Mundo Masculina e da Feminina não foram igualitárias no jornal O Globo. Na realidade, uma não chegou nem perto da visibilidade da outra.

Para início da análise, um dos assuntos que merece destaque é o caderno especial “Catar 2022”. Durante o Mundial Masculino, O Globo publicou oito páginas a mais do que o comum com notícias sobre toda a competição, incluindo o desempenho do Brasil. A sessão de esportes ficou voltada apenas para clubes do país e outras notícias relacionadas a diferentes modalidades. Com o caderno especial, o jornal tinha mais espaço para veicular diversas informações sobre a Copa do Mundo, podendo se aprofundar em temas importantes para diferentes seleções e ainda abordar quem seria a campeã, por exemplo, com algumas estatísticas e porcentagem. Durante o Mundial Feminino tal fato não se repetiu. Não houve um caderno especial sobre a Copa, logo, é possível afirmar que O Globo tinha menos espaço para abordar a competição de mulheres, já que a editoria de esportes continuou sendo usada para veicular notícias sobre os clubes brasileiros e outras modalidades.

Ainda sem falar especificamente das Seleções Brasileiras, vale ressaltar que não houve preocupação do veículo em dar maior visibilidade para a considerada maior Copa do Mundo Feminina de todos os tempos, visto que, comparado com a competição masculina, não teve um caderno especial, coisa que aumenta a curiosidade do leitor sobre determinado evento ou assunto.

Aprofundando mais sobre a cobertura do Brasil nos Mundiais, é importante ressaltar alguns temas trazidos pelo jornal durante a competição. Na Copa Masculina, por exemplo, O Globo publicou uma matéria com o título “Estreia promove o resgate da camisa amarela” (anexo 1). Neste caso, vale lembrar que o Brasil passou por momentos tensos na disputa eleitoral em outubro de 2022, com os embates entre Bolsonaro e Lula. O próprio jornal inicia a matéria falando que

Após dois meses de uma corrida eleitoral tensa, com ânimos exaltados e as cores da bandeira do Brasil representando apenas um lado da disputa, a estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo do Catar fez brasileiros de espectros políticos distintos se reunirem novamente usando o mesmo símbolo: uma camisa canarinho. (O Globo, Caderno especial 'Catar 2022', p.5)¹⁶

Sendo um ano de eleição, é válido tratar a ressignificação da camisa da seleção. Porém, é notável que até hoje existe uma resistência em utilizar a blusa do Brasil após o governo de Bolsonaro, que usava a camisa em sua campanha. Com isso, durante a Copa do Mundo Feminina, certamente mais pessoas saíram às ruas com blusas amarelas, mas em momento algum foi falado pelo O Globo sobre a intensificação da torcida ou sobre a “confirmação”, através da população, de que a camisa amarela representa o país como um todo.

Quando se trata de diferentes pautas durante cada Mundial, como a citada acima, é possível observar muitos pontos distintos. Durante a Copa Masculina, em momento algum o relacionamento amoroso dos atletas da Seleção foi notícia. O mais perto disso, foi uma matéria relatando que a CBF autorizou a visita de familiares na concentração dos jogadores (anexo 2). Já durante a Copa do Mundo Feminina a abordagem foi diferente. No dia 1 de agosto de 2023, O Globo publicou uma matéria com o título “Visibilidade lésbica entra em campo na Copa do Mundo” (anexo 3). O texto aborda a evolução da sociedade juntamente com o futebol feminino, ressaltando que poder falar sobre sua sexualidade também foi importante para a liberdade e bem-estar das jogadoras. Esta pauta é de extrema importância, mas vale o questionamento quando se compara com o Mundial Masculino. O futebol praticado por homens ainda é um meio muito machista e dificilmente um jogador fala sobre sua opção sexual. Mesmo com todo o tabu em relação a esse assunto, não foi uma opção do jornal falar sobre isso, enquanto durante a Copa Feminina, foi abordada a opção sexual das atletas, coisa que já é um estereótipo dentro do esporte.

Outro ponto a ser observado é a abordagem de ídolos. No futebol, é comum um jogador ou jogadora ter muitos fãs e ser idolatrado ao redor do mundo. Helal (2001), reforça a importância dessa figura para o esporte. Segundo o autor,

De fato, um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de "heróis", "estrelas" e "ídolos". São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, frequentemente sobrepujando obstáculos aparentemente intransponíveis. (Helal, 2001, p.154).

¹⁶ O GLOBO. Rio de Janeiro, n. 32.617, nov. 2022. Acesso através do acervo digital: <https://oglobo.globo.com/acervo/resultado/>

O Globo utilizou o conceito de ídolo e fã e abordou bastante a situação de Neymar durante a Copa do Mundo em 2022. O jogador sofreu uma lesão logo no primeiro jogo, e voltou a atuar apenas nas oitavas de final. A ausência do atleta virou tema de matéria algumas vezes, seguida pelo questionamento de quem seria seu substituto (anexo 4). Até quando se trata de ídolos a abordagem é diferente. Marta também é um ícone do Brasil, mas foi tratada com menos importância pelo jornal, que citou a jogadora como tema de matérias pouquíssimas vezes. Seis matérias eram exclusivamente sobre Neymar ou citavam o jogador no título, enquanto uma reportagem foi exclusiva sobre Marta (anexo 5) e outra citou seu nome no título. Tratando-se de Seleção Brasileira, Marta tem mais feitos que Neymar. A atleta foi eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo, e já foi vice-campeã de uma Copa em 2007, enquanto o jogador não atingiu nenhuma dessas conquistas. Ainda assim, ele foi tratado com muito mais destaque pelo jornal.

Além disso, a comparação quantitativa evidencia ainda mais a disparidade de tratamento.

Quadro 1: Publicações sobre as Seleções Brasileiras no jornal O Globo

	Matérias d'O Globo sobre a Seleção Brasileira, atleta ou uma pessoa da comissão	Matérias d'O Globo que citam a Seleção, um atleta ou alguém da comissão	Aparições na capa d'O Globo (Seleção, atleta ou comissão)
Copa do Mundo Masculina 2022	26	6	11
Copa do Mundo Feminina 2023	16	7	7

Dos 11 dias analisados em cada Copa, a Seleção Brasileira Masculina esteve na capa do jornal em todos, sem exceção. Durante todos os dias, a equipe foi citada de alguma forma na página principal, seja diretamente falando do Brasil ou através de um jogador ou membro da comissão técnica. O total de matérias com a Seleção foi 32, sendo 26 falando exclusivamente sobre o time, um atleta ou membro da comissão e seis apenas citando um desses ou usando como pano de fundo.

Já a Seleção Brasileira Feminina só esteve na capa em sete dos 11 dias. Além disso, a equipe foi pauta 23 vezes, sendo 16 matérias sobre o Brasil, uma jogadora ou membro da comissão, e sete matérias que apenas citam o time, uma atleta ou a comissão ou usam um desses como plano de fundo para a notícia.

Com esses números é possível analisar vários aspectos, como aparição na capa. Além do número de vezes que a equipe feminina esteve em destaque ter sido menor, vale ressaltar que o espaço ocupado por ela também foi pequeno. A Seleção Masculina ocupou mais espaço

da capa, em questão de centimetragem, sendo exposta com grandes fotos e textos maiores, quando comparado com a Seleção Feminina.

Quando se trata de matérias exclusivas sobre a Seleção Brasileira, a equipe masculina teve maior número e também maior espaço. Em todos os dias de análise houve matérias do time composto por homens, e as pautas eram diversas, como desempenho do atleta no jogo, religião do treinador, análise de lesão etc. Enquanto isso, no dia 31 de julho não houve nenhuma matéria sobre a Seleção Feminina, evidenciando que a criatividade para matérias sobre a equipe feminina não foi tão explorada. O time de mulheres não foi pauta em questão de treinamentos, por exemplo, ou em matérias que projetavam qual seria a escalação da equipe, enquanto o masculino era notícia em relação aos treinos e suposições do time titular.

O número de matérias que citam a Seleção, um atleta ou membro da comissão foi o mesmo, mas é importante frisar a diferença de pautas. Quando se trata da equipe feminina, as pautas foram sobre a evolução das seleções, lesões e até opção sexual. Quando a pauta era a equipe masculina, as matérias, além de análise com as outras seleções, tinham contexto social, como o resgate da camisa amarela e a torcida brasileira na faixa de Gaza, além de curiosidades sobre estádios em que a seleção jogaria.

Por fim, é válido reforçar que a Seleção Masculina teve 32 matérias veiculadas no jornal durante o período de análise, enquanto a Feminina teve 23. Apesar da diferença parecer pouca, é importante lembrar que outros aspectos evidenciam a menor visibilidade dada à equipe de mulheres, como a criação do caderno especial “Catar 2022”, em que O Globo tinha mais espaço para falar da Copa do Mundo Masculina, enquanto a Feminina dividia espaço com notícias esportivas do cotidiano. Além disso, o tamanho das matérias também é uma questão, visto que as notícias sobre o time nacional composto por homens ocuparam mais espaço tanto nas páginas do caderno especial quanto na capa do jornal.

A análise qualitativa e quantitativa deixa em evidência a maior visibilidade dada à Seleção Masculina durante seu Mundial, e reforça a questão: o futebol masculino é muito popular e por isso é retratado abundantemente pela mídia ou vice-versa? Afinal, a Seleção Feminina teve menos espaço durante a Copa do Mundo e é retratada como um esporte de menor apelo nacional.

5. Considerações finais

O jornalismo esportivo tem um papel fundamental na maneira como o povo brasileiro percebe e consome o futebol, seja masculino ou feminino. Apesar disso, é inegável que existe uma diferença significativa entre a cobertura das duas modalidades. Enquanto o futebol praticado por homens tem ampla atenção, com extensas análises, reportagens com muitos detalhes e grande presença nos principais veículos, o futebol de mulheres fica com um espaço menor e muitas vezes sem destaque.

Essa disparidade é atribuída a alguns fatores que moldam a dinâmica do jornalismo esportivo. A questão de histórico e tradição, por exemplo. A história do futebol masculino é baseada em visibilidade e apoio, com ligas profissionais estabelecidas desde seu início, além de competições internacionais de prestígio e uma base de fãs consolidada justamente por conta da visibilidade. Esse histórico dá ao jornalismo esportivo um campo fértil, com muitas histórias, personagens e momentos que chamam a atenção do público.

Já o futebol feminino, que teve um grande crescimento nas últimas décadas, ainda enfrenta obstáculos significativos. Esses desafios poderiam até ser chamados de estruturais, mas é difícil acreditar que, em 2024, ainda seja complicado para alguém aceitar que o futebol é de todos e deve ser igual para todos. As ligas femininas têm menos recursos e menor cobertura pela mídia, com isso, acabam tendo menos investimento em marketing e promoção quando comparadas às competições masculinas. Todos esses fatores refletem na quantidade e qualidade da cobertura jornalística dedicada ao esporte praticado por mulheres.

Existe uma percepção de que o interesse pelo futebol feminino é menor entre o público em geral, mas isto nos traz uma questão tratada anteriormente: É difícil dizer se o futebol ganhou relevância por causa do jornalismo esportivo ou vice-versa, logo, a impressão que fica é que, com o apoio e a visibilidade necessária dada pela imprensa, o futebol de mulheres poderia ter um crescimento ainda mais significativo.

Vale ressaltar que não é apenas a imprensa que tem um papel importante nisso. Os clubes e as federações também precisam estar caminhando juntos para promover competições e desenvolver times femininos. Vale ressaltar que desde 2019, é necessário ter uma equipe profissional feminina para disputar a elite do futebol brasileiro, como o Brasileirão Série A. A CONMEBOL também instituiu essa obrigação desde 2019 para as equipes que disputarem a Libertadores.

A percepção de menor interesse pela modalidade feminina leva os veículos a não darem a prioridade comercial necessária. Tal fato perpetua um ciclo de falta de investimento, poucas oportunidades e, conseqüentemente, menor desenvolvimento.

O futebol feminino é diferente, em questões de perspectiva e tática, do masculino, mas todos são futebol e têm as mesmas regras, por esse motivo não há um porquê para ter disparidade entre ambas nas coberturas.

É válido reconhecer que houve avanços significativos na cobertura do futebol de mulheres nos últimos anos, principalmente durante as Copas do Mundo. Quando chegam os Mundiais, a conscientização sobre a importância da igualdade de gênero no esporte aumenta, e alguns jornalistas trabalham ativamente para ampliar o espaço da modalidade. A ideia é que, com a realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2027, o espaço para o futebol feminino seja cada vez maior nos principais veículos do país.

Com a análise da cobertura do Globo durante as Copas do Mundo Masculina e Feminina de 2022 e 2023, respectivamente, foi possível observar que o futebol praticado por homens é um produto de extrema relevância para a mídia impressa. Com o caderno especial “Catar 2022”, a editoria de esportes dentro do jornal deixou de ser veiculada durante o Mundial. Com isso, notícias sobre outras modalidades não foram publicadas, evidenciando que o futebol masculino por si só já satisfaz a produção e os leitores do Globo. O caderno especial também tem relação com patrocinadores, que investem para aparecerem na capa da nova parte do jornal, mas este fato só afirma mais uma vez a relevância do esporte como um produto.

O fato de a Copa do Mundo Feminina não ter um caderno exclusivo chama atenção para a possível falta de patrocínio, ressaltando mais uma vez que o futebol de mulheres ainda não é um produto tão interessante no Brasil, voltando mais uma vez para o ciclo de pouca visibilidade, pouco patrocínio, poucos campeonatos, menos times etc.

A idolatria de atletas entre as modalidades também é diferente, e este aspecto é notado não apenas entre torcedores, mas também através da imprensa. Como visto na análise, Neymar foi pauta mais vezes do que Marta. É possível afirmar que este destaque e a idolatria não estão diretamente relacionados aos feitos dos atletas, visto que Marta levou a Seleção Brasileira mais longe em Copas, ficando em segundo lugar (2007), conquistou três Copas América (2003, 2010 e 2018), ficou com duas pratas nos Jogos Olímpicos (Atenas 2004 e Pequim 2008) e foi a melhor jogadora do mundo por seis vezes (2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018). Neymar conseguiu ficar no lugar mais alto do pódio nas Olimpíadas (2016), mas não teve destaque na competição mais almejada pelos brasileiros: a Copa do Mundo, e nem na Copa América.

Além disso, o fato de durante a Copa Feminina haver matérias falando sobre a sexualidade das atletas e a fisiologia das mulheres evidencia que o esporte praticado por elas ainda causa uma estranheza, visto que quando se aborda o Mundial Masculino estes fatores não são abordados.

Durante a Copa do Mundo Masculina, a Seleção Brasileira é tratada como um ícone, uma equipe capaz de resgatar o sentimento de nacionalismo no melhor dos sentidos. Enquanto isso, a Seleção Feminina é tratada apenas como mais um time, como se fosse uma equipe de um campeonato qualquer. Não foram veiculadas matérias que mostrassem a importância da representação do Brasil no Mundial Feminino.

É evidente a diferença de tratamento entre as Seleções e, mais ainda, entre as competições (Copa do Mundo Masculina e Feminina). Todos os itens abordados neste trabalho colocam luz sobre um ponto aparentemente óbvio, mas que precisa ser analisado para que o jornalismo esportivo seja cada vez mais inclusivo. A diferença entre a história do futebol praticado por homens e por mulheres tem raiz na sua popularização, passa pela criação das seleções e se perpetua até hoje, quando o futebol feminino ainda tem pouca visibilidade na mídia.

Ainda com todos esses fatores, é importante reforçar que, mesmo que a cobertura da Seleção Feminina e da Copa do Mundo não seja a ideal, já é alguma coisa. Retomando ao início do trabalho, o futebol de mulheres quase não tem registros de seu início, nos anos 1920, antes da proibição. Pouco se falava da prática quando eram mulheres jogando. Hoje é possível ter acesso a informações sobre a equipe nacional e os times no geral. É possível ler uma reportagem sobre o desempenho da Seleção Brasileira Feminina após uma partida, coisa que nem sempre foi comum.

O papel da mídia na popularização do esporte é de extrema importância, e durante a história do futebol no Brasil o jornalismo foi uma ferramenta muito usada e de muito valor, já que algo que estava no jornal impresso era considerado relevante na época. Com o rádio, a popularidade só aumentou, juntamente com as transmissões ao vivo que deixavam os torcedores ainda mais envolvidos. A televisão apenas confirmou o fenômeno nacional que é presente na casa dos brasileiros até hoje. Apesar de todo esse sucesso, nem sempre as mulheres estavam incluídas como uma potência no esporte, como atletas relevantes. E com todo o histórico de marginalização, hoje o futebol feminino já é pauta em jornais relevantes do país, como o Globo.

Com os holofotes sobre o óbvio, fica evidente que a visibilidade do futebol feminino precisa ser cada vez maior. Porém, o que se tem hoje já é uma parte importante que mostra que

cada vez mais as mulheres estarão incluídas no meio do futebol. A esperança é que um dia a modalidade seja tratada apenas como futebol, da mesma forma que o praticado por homens, afinal, é um único esporte.

Este trabalho tratou da disparidade de cobertura jornalística durante a Copa do Mundo, mas isso acontece também durante os Campeonatos Brasileiros, por exemplo. O Globo veicula semanalmente a tabela do Brasileirão masculino atualizada e muitas vezes não tem nem notícias sobre a competição feminina. Apesar da reflexão sobre o que se tem hoje já ser algo positivo, este trabalho buscou ampliar os horizontes de estudos sobre o futebol praticado por homens e mulheres na mídia impressa e pode incentivar a análise em outros veículos também. Com a Copa do Mundo Feminina sendo no Brasil em 2027, chega mais uma oportunidade para abrir os olhos para como a modalidade é tratada, 13 anos após a Copa do Mundo Masculina ser sediada no país.

Em suma, a disparidade na cobertura entre o futebol feminino e masculino no jornalismo esportivo reflete uma combinação complexa de fatores históricos, estruturais e culturais. Para alcançar uma representação mais equitativa e inclusiva, é fundamental reconhecer essas barreiras e trabalhar de maneira colaborativa para superá-las, garantindo que todas as formas de futebol sejam valorizadas e celebradas de maneira justa e significativa.

6. Referências bibliográficas

- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019, Dissertação - Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BORELLI, Viviane. **O esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador, 2002.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **CBF comemora 110 anos com amistoso no Texas**. 8 jun.2024. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-completa-110-anos-de-historia>. Acesso em 9 jun.2024.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, **Seleção Brasileira faz 109 anos**. 21 jun.2023. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/index/selecao-brasileira-faz-109-anos>. Acesso em 18 abr.2024.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol Feminino no Brasil**: do seu início à prática pedagógica. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2002
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Imagens da mulher no esporte**. In.: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HELAL, Ronaldo. Mídia, Raça e Idolatria **A INVENÇÃO DO PAÍS DO FUTEBOL**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001
- JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. **Futebol de mulheres na agenda da mídia**: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. *Observatorio*, 14(4), Universidade Federal de Pernambuco, 2020
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2.ed. São Paulo: Geração, 2004.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. **ALMANAQUE das guerreiras da seleção feminina**. Rio de Janeiro: Lançamento autônomo, 2024
- PERDOMO, Nidiane Saldanha. **A função social do jornalismo no mercado de notícias**. 2015. Trabalho monográfico (Graduação em Comunicação Social – habilitação Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015
- RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007
- SILVA, Fernanda de Souza. **A relação entre mídias independentes e o futebol feminino brasileiro pós-Copa da França**: um estudo de caso sobre o Planeta Futebol Feminino. 2023. Trabalho monográfico (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

STYCER, Mauricio. **História do Lance!** Projeto e prática do jornalismo esportivo. São Paulo: Alameda, 2009

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**, Volume I, Porque notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

Anexo 1: O resgate da camisa amarela

Estreia promove o resgate da camisa amarela

Torcedores deixaram de lado o clima tenso e exaltado da disputa eleitoral e foram às ruas com as cores da seleção para acompanhar o jogo contra a Sérvia; no Catar, brasileiros fizeram festa e tomaram arquibancadas do estádio

CAROLINE NUNES E LETÍCIA LOPES
esportaj@oglobo.com.br

Após dois meses de uma corrida eleitoral tensa, com ânimos exaltados e as cores da bandeira do Brasil representando apenas um lado da disputa, a estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo do Catar fez brasileiros de espectros políticos distintos se reunirem novamente usando um mesmo símbolo: a camisa canarinho.

Se a paixão nacional é o futebol, nada mais simbólico do que, até certo ponto, deixar rivalidades de lado e vestir as cores de um país inteiro. Foi esse o pensamento de muitos torcedores que decidiram ir às ruas usando a amarelinha e suas variações.

O primeiro jogo do Brasil na Copa resgatou a vontade de alguns brasileiros em retomar o uso da camisa amarela após o medo de associação a partidos políticos ou por receio de agressões. A aposentada Teresa Cristina Ferreira não usava a camisa da seleção desde o período das eleições:

— Parei de usar (camisa do Brasil) por causa dos acontecimentos políticos. Mas agora eu voltei, não pretendo mais parar de vestir a camisa do Brasil. Ela é nossa — afirma.

Vestir verde e amarelo “com orgulho”, aliás, foi a defesa feita pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), horas antes de o time de Tite entrar em campo no estádio de Lusail.

Depois da vitória contra a Sérvia, ele apareceu ao lado da futura primeira-dama, Rosângela da Silva, a Janja, usando a camisa canarinho.

— Hoje começa a disputa pelo hexa. Vamos usar nossa camisa verde e amarela, vesti-la com muito orgulho e acompanhar a seleção. Nossa camisa tem as cores da nossa bandeira, que representa 215 milhões de brasileiros e brasileiras. Vamos torcer juntos pelo Brasil”, escreveu Lula.

Ambulante do Parque Madureira, na Zona Norte — onde torcedores se reuniram para assistir à partida



Copacabana. Torcedores se reuniram na Fan Fest nas areias da praia



Olhos no telão. Parque Madureira também recebeu torcedores para acompanhar a estreia do Brasil na Copa



No Catar. Multidão verde e amarela tomou arquibancadas do Estádio Lusail

—, Carla Miranda, de 46 anos, acha que o Mundial veio para unir um país que estava dividido. Ela diz que ensina as netas Eloá e Mirela que a camisa do Brasil “é do povo”, independentemente do resultado nas urnas:

— Sou brasileira e vim torcer porque sou brasileira.

Na Fan Fest nas areias de Copacabana, a maioria do público que acompanhava o jogo também vestiu as cores do país. A produtora de eventos Daniela Flandim, 44, não pensou duas vezes antes de optar pelo verde e amarelo para a partida:

— Depois desses quatro anos, tudo ficou mais difícil, mas nem cogitei vir ver o jogo de outra forma. São as cores do meu país.

A influenciadora digital Thatiana Gonzaga, 20, só decidiu o look na véspera do jogo. Ela se juntou com as amigas, recriou sua blusa e fez questão de compartilhar a decisão com seus seguidores:

— A gente tem que se desprender de alguns pensamentos. A blusa do Bra-

sil tem que ser ligada ao país, não a uma pessoa.

A camelô Marcia Cristina Siqueira, 38, fez coro:

— A camisa pertence ao nosso país, assim como a bandeira.

FESTA NO CATAR

Se as cores do Brasil tomaram conta das ruas do Rio, não foi muito diferente no Catar. No jogo com maior público da primeira fase (88.103 torcedores), o clima antes de a bola rolar poderia ser confundido com o da Copa de 2014, disputada no Brasil.

— A cidade de Lusail foi tomada de verde e amarelo, com torcedores cantando músicas e fazendo muita festa do lado de fora do estádio. Filas enormes se formaram na entrada e até houve torcedor chegando atrasado no jogo.

Com a seleção abraçada pelo público, Neymar foi o nome mais ovacionado pelo estádio, e o Hino Nacional foi cantado em alto e bom som. (Colaborou Tatiana Furtado, de Doha)

LEVEZA NO AR

SELEÇÃO AMENIZA TENSÃO DA COPA COM PRESENÇA CONSTANTE DOS FAMILIARES

DIEGO DANTAS
Escritor e jornalista
diogodantas@terra.br
DDBA

O ambiente da seleção brasileira na Copa do Mundo foi estruturado com uma preocupação principal, que está por trás das duas vitórias iniciais e a classificação antecipada às oitavas de final: a saúde dos jogadores, não só física, como mental, é a prioridade no dia a dia de trabalho e de jogos. Das frases que se multiplicam no vestiário do Centro de Treinamento localizado no estádio Grand Hamad, uma resume com perfeição a intenção nos bastidores, que é de tirar o peso da disputa de um Mundial para um grupo mais jovem do que em 2018, mas sem abrir mão da responsabilidade: "Concentrem e desfrutem".

O lema tem sido alcançado com um grande entrosamento entre os atletas dentro e fora das quatro linhas, mas também com interação constante junto aos familiares. Sem falar nos cuidados oferecidos por ex-campeões do mundo que exercem papéis variados na comissão técnica e dividem sua experiência.

— A gente vê muita coisa, no hotel, no treino, no vestiário. Essa alegria deles, na batucada. Há responsabilidade e descontração — afirmou Taffarel, preparador de goleiros e campeão do mundo em 1994.

Diferentemente da Copa de 2018, quando havia uma mistura maior com a presença dos convidados dos atletas no mesmo hotel, agora é tudo dividido, com momentos para trabalhar e para relaxar. Em Sochi, o dia a dia era de convivência diária dos atletas com seus entes próximos. E os envolvidos remanescentes do último torneio admitem que dessa vez o plano tem sido melhor. Na Rússia, houve vazamento de treinos por parte de amigos de jogadores, reclamações de parentes sobre escalação e pouca privacidade. A circunstância enfraqueceu o então diretor de seleções, Edu Gaspar, que era quem coordenava tudo, acima de Tite. Hoje, Juninho



Paulista, campeão em 2002, ocupa a função e é visto com semblante tranquilo por verificar que esse tipo de preocupação tem dado resultado.

JANTAR COM FAMÍLIA

Entre curtos intervalos, um clima mais seco e fuso horário bem diferente do Brasil, a concentração da seleção brasileira ganha, após as primeiras partidas, um ar cada vez mais familiar, com a presença de parentes e amigos sempre que é possível. A cada dia que passa o otimismo cresce, e o CT recebe mais pessoas e mais animação. Mas quando se aproxima da preparação para o próximo jogo, há uma blindagem gradativa. Assim que a rotina e as obrigações acabam, como na reapresentação de ontem após o jogo com a Suíça, as crianças entram em campo. Filhos pequenos dos jogadores quebram o clima e filtram a presen-



são ao brincarem com bola junto aos pais, tios e membros da comissão técnica. Depois da atividade, os jogadores foram liberados para

jantar com os familiares em hotel apenas para dormir, afrouxando ainda mais o protocolo. Hoje e amanhã, antes

Encontro. Tite e o neto Lucca com o torcedor palestino Husam

Descontração. Fred com seu filho após o treino

rendo para jogar. A comemoração de Vini Jr. no gol anulado contra a Suíça imitando o ídolo ilustrou bem como o camisa 10, mesmo em recuperação de lesão, segue vivendo esse ambiente.

— É um cara muito importante para os demais jogadores. Vejo o quanto eles gostam de estar perto dele, fora e dentro de campo. Uma referência muito grande — apostou Taffarel.

Há, por outro lado, uma rotina própria dos atletas entre si nos ambientes fechados, que também contagia por aliar leveza e compromisso. A batucada no ônibus para os jogos e no vestiário minutos antes da partida se tornou uma marca que vem desde os primeiros treinos em Turim.

— A gente vê o quanto há de entrega, profissionalismo, no pré e no pós-jogo — salientou César Sampaio, auxiliar de Tite e vice-campeão em 1998.

ENCONTRO COM TORCEDOR

Sampaio, Juninho, Taffarel e o observador técnico Ricardo Gomes concederam entrevista coletiva que reforçou a imagem de um grupo protegido por grandes campeões. No fim do bate-papo, sem a presença de jogadores, posaram para foto com Zinho e Júnior, que também integram a seleta lista de atletas com títulos mundiais.

Ontem, a CBF promoveu o encontro de Tite com o torcedor palestino que carregou Lucca, um dos netos do treinador pelo metrô de Doha, após a estreia do Brasil na Copa do Mundo. O técnico havia declarado numa entrevista que queria conhecer o torcedor, que agiu ao ver a dificuldade de sua nora com duas crianças na saída da partida.

O palestino, chamado Husam, assistiu de perto ao treino da seleção, tirou foto com o treinador e ganhou uma camisa autografada por Tite e pelos jogadores. Já a nora do treinador, Fernanda Bacchi, foi presenteadada por Husam com um doce árabe típico.

Visibilidade lésbica entra em campo na Copa do Mundo

De 'patrulha' nos corredores até namoro entre jogadoras, futebol de mulheres acompanhou evolução da sociedade



LAÍS MALEK
laismalek@paleteedigital.com.br

Não dá para ganhar um campeonato sem gays no seu time". Em 2019, Megan Rapinoe usou a frase ao comentar sobre a disputa da Copa do Mundo da França acontecer em junho, celebrado ao redor do mundo como o mês do orgulho LGBTQIAPN+. Em agosto, movimentos sociais no Brasil promovem o Mês da Visibili-

de Lésbica, com celebração especial no próximo dia 29.

De acordo com o site Outsports, há 94 atletas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ nesta edição do campeonato, mais do que o dobro de 2019. O cenário é bem diferente do que há algumas décadas.

Em 1996, matéria da revista Placar tinha o depoimento de um funcionário da Granja Comary, que afirmava que "mesmo considerando os tempos de Romário e cia., as meninas dão muito mais trabalho do que os homens". Na época, o treinador Ademar Júnior, que dirigiu o Brasil na Copa



REPRODUÇÃO

Casadas desde 2020. A ex-jogadora Fran e a atacante Andressa Alves, que está na Copa, se conheceram na seleção

de 1995, tentava evitar o "troca-troca de quartos": "Virei 'zumbi'. Ficava a madrugada inteira zanzando no corredor", disse ele.

Para Giovana Capucim e Silva, historiadora e autora do livro "Mulheres impedidas: A proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo", o comentário reflete o panorama da época.

—O futebol é um lugar de poder, de produção de pessoas que são vistas pela sociedade como exemplos. O "peri-

go homossexual" era muito mal visto, ninguém queria um ídolo homossexual, ainda mais no esporte.

Com a conquista de direitos para a comunidade LGBTQIAPN+, o cenário foi se tornando mais propício para as jogadoras tornarem públicos seus relacionamentos com outras mulheres. Em Tóquio-2020, Marta dedicou um gol à então noiva, Toni Pressley, companheira de elenco no Orlando Pride. Os casos de relacionamentos

dentro da mesma equipe são frequentes.

NATURALIDADE

A atacante Andressa Alves conheceu a esposa, a ex-jogadora Fran, medalhista de prata em Pequim-2008, em treinamentos da seleção brasileira. Depois de oito anos de relacionamento, as duas se casaram em 2020, e hoje compartilham a rotina nas redes sociais.

—A seleção feminina é um lugar de grande visibilidade,

principalmente em época de Copa. As jogadoras começaram a falar sobre isso quando se sentiram seguras e sabiam que não iam perder patrocínios ou ser punidas. Elas teriam dado esse passo é muito importante para muita gente, que as enxergam como pessoas respeitadas pela sociedade, e que são LGBT — analisa Giovana.

O "perigo homossexual" também estava no modo de se vestir e se comportar. Para combatê-lo, uma das estratégias para a popularização do futebol feminino depois que a proibição da prática do futebol pelas mulheres foi revogada foi a de investir na imagem das jogadoras. Em 2001, o então presidente da Federação Paulista de Futebol, Eduardo José Farah, declarou à Folha de S. Paulo: "Temos que tentar unir a imagem do futebol à feminilidade".

—Buscava-se romper a associação da jogadora de futebol com ser lésbica, e por isso várias atletas performavam uma feminilidade tradicional. Mas chegou um momento em que o mundo, não só o Brasil, começou a falar: 'se as jogadoras de futebol que são excelentes são lésbicas, então tudo bem'. Pelo menos para quem acompanha a modalidade, isso passou a ser tratado com maior naturalidade.

TALENTO DE SOBRA

SEM NEYMAR, BRASIL DEPOSITA EM NOVA SAFRA ESPERANÇA DE VAGA CONTRA SUÍÇA



Estado de graça. Richarlison comemora com Vini Jr. após marcar seu segundo gol na vitória do Brasil sobre a Sérvia. Jogadores são esperança de gol na seleção

BRUNO MARINHO E
DIOGO DANTAS
Então escreva:
igor@oglobo.com.br
DGA

O segundo jogo do Brasil na Copa do Mundo, às 13h (de Brasília), contra a Suíça, será um aperitivo do que pode vir a ser a era pós-Neymar. Sem o craque, em recuperação de uma torção no tornozelo direito, Tite terá a oportunidade de testar para valer os talentos de uma geração em ascensão, sem uma referência individual.

Na estreia, Neymar concentrou as atenções e foi o mais caçado em campo, o que resultou na entorse que o tirou da partida de hoje. Sem ele, a força ofensiva do Brasil fica mais pulverizada.

Assoma da habilidade de Vini Jr., do faro de gol de Richar-

lison, da versatilidade de Paquetá e da intensidade de Raphinha se transforma na principal aposta da seleção, que, se vencer a Suíça, fica muito perto da classificação com uma rodada de antecipação. Nas oitavas de final, a expectativa é pelo retorno do camisa 10.

ELOGIOS DE TITE

A questão sobre até que ponto a seleção depende de Neymar foi perdendo força ao longo dos seis anos de trabalho da atual comissão técnica. Começou como uma ideia fixa e se transformou em questionamento ocasional. A resposta ficará mais clara num jogo de Copa do Mundo diante de um adversário difícil.

Tite gosta de dizer que no último terço do campo em

que a improvisação e o talento individual se sobressaem. Virtudes que não faltam aos nove atacantes convocados pelo treinador para o Catar:

— Acredito que o jogador com talento diferente faz as coisas bem feitas durante oitenta minutos e, em duas ou três oportunidades, faz a diferença. Esse é o talento, a criatividade. Neymar tem essa capacidade — afirmou o treinador, para completar em seguida: — Outros jogadores também têm e estão surgindo em uma geração que é impressionante. Daqui a pouco vai aparecer a finta de um lance do Antony, uma assistência do Vini, uma criatividade do Richarlison na hora de finalizar, um cabeceio do Pedro. O Rodrigo corre que parece que tem a bola grudada no pé.

Neymar não perdeu o trono de jogador mais importante do elenco. É enaltecido por Tite e pelos companheiros. Mas, ao mesmo tempo, a seleção chegou a um ponto em que sua genialidade não fica mais escancarada nos números.

Nas nove partidas disputadas pela seleção este ano, o camisa 10 não figura nem como o que deu mais assistências. Esses postos cabem a Richarlison, que marcou nove vezes, e a Bruno Guimarães, com três passes para gol. Neymar tem dois passes e cinco gols marcados, quatro deles em cobranças de pênalti. O recuo tático do jogador, que hoje atua como meia-atacante, pode ser uma explicação para a queda de seus números. Mas não é a



BRASIL
Alisson, Militão (Daniel Alves), Marquinhos, Thiago Silva e Alex Sandro; Casemiro, Fred (Rodrigo) Paquetá, Raphinha, Richarlison e Vini Jr.



SUIÇA
Sommer, Widmer, Akanji, Elvedi e Ricardo Rodríguez; Freuler, Shaqiri, Shaqiri, Sow e Rubén Vargas; Embolo.

LOCAL: Estádio 974 (Doha) **MORÁDIO:** 13h **ARBITRO:** Ivan Barton (ESA) **TRANSMISSÃO:** TV Globo, SporTV, Globoplay e F1+

única. Mesmo depois de uma pré-temporada bem feita e um início em alto nível na Europa, o fantasma das lesões retornou.

A julgar pelas últimas partidas sem o camisa 10 em Mundiais, a ausência de Neymar será sentida. Sem ele, o Brasil perdeu na semifinal da Copa de 2014 para a Alemanha —o fatídico 7 a 1— e depois também cairia diante da Holanda na disputa pelo terceiro lugar. De lá para cá, Neymar participou de toda a campanha na Rússia, quando a seleção foi eliminada pela Bélgica.

APROVEITAMENTO EM CAMPO

Ao longo de todo o trabalho de Tite, o aproveitamento é de 83,97% com Neymar, contra 76% sem ele. Com o craque, a seleção teve 41 vitórias, oito empates e três derrotas. Na sua ausência, 17 vitórias, seis empates e duas derrotas.

De 2016 a 2018, o Brasil chegou a ter um aproveitamento melhor na sua ausência: 83,33% contra 81,67%. Ao todo, foram 15 vitórias, quatro empates e uma derrota quando o camisa 10 estava em campo, contra cinco vitórias e uma derrota sem ele. De 2018 em diante, a lógica se inverte. São 85,42% de aproveitamento tendo a presença dele contra 73,68% sem ele. Foram 26 vitórias, quatro empates e duas derrotas com o camisa 10 e 12 vitórias, seis empates e uma derrota quando ele não estava em campo.

Na única taça que Tite levantou com a seleção brasileira, Neymar não estava presente. Na Copa América de 2019, ele foi cortado devido a uma lesão no mesmo tornozelo direito que o tirou do jogo contra a Suíça. O título foi conquistado no Maracanã, após vitória sobre o Peru.

No fim das contas, os resultados ditam o roteiro da dependência. Se a seleção vencer hoje de forma convincente, o peso sobre o camisa 10 diminui. Caso contrário, aumenta a torcida por seu retorno.

Anexo 5: Última Copa do Mundo de Marta

Marta se despede das Copas: 'Fim da linha'

Maior artilheira dos Mundiais, entre homens e mulheres, com 17 gols, a Rainha do futebol se confunde com a trajetória brasileira na competição; do auge, com o vice em 2007, à eliminação de ontem, a camisa 10 deixa legado



Não foi do jeito que ela queria. Ficou faltando o sonhado título. Mas nada disso apaga a história da craque Marta, que deu adeus às Copas do Mundo ontem de uma maneira melancólica com o empate em 0 a 0 diante da Jamaica, que eliminou

o Brasil do Mundial ainda na fase de grupos. A maior jogadora de futebol de todos os tempos encerrou sua trajetória em Mundiais, que se confunde com a própria seleção brasileira. Presente em seis das nove edições da competição organizada pela Fifa desde 1991, Marta comandou com brilhantismo a geração que levou o Brasil a outro patamar entre as mulheres, com o histórico vice em 2007.

No pódio, a geração mais vitoriosa do futebol feminino expôs as mazelas vividas pela categoria, à época, para o mundo com a icônica faixa: "Brasil, precisamos de apoio". Por mais que Marta tenha usado a sua voz em prol do esporte, o apoio foi vindo bem aos poucos. Só acelerou mesmo no último ciclo, já em vias de aposentadoria. — Não tem mais Copa para a Marta! Eu estou muito grata pela oportuni-

dade que tive de jogar mais uma Copa, muito contente com tudo isso que vem acontecendo no futebol feminino, no Brasil e no mundo. Para elas, é só o começo. Para mim, é o fim da linha agora, obrigada! — disse Marta logo após o fim da partida, lamentando a despedida precoce. — É difícil falar num momento desse. Nem nos meus piores pesadelos, era a Copa que eu imaginava.

Dos Estados Unidos, em 2003, à Austrália, este ano, ela deixou sua marca de artilheira com 17 gols, tornando-se a maior goleadora da competição entre homens e mulheres. Também leva o recorde de ser a primeira jogadora a balançar as redes em cinco Copas consecutivas — feitos repetidos pela canadense Christine Sinclair, Cristiano Ronaldo e Lionel Messi. Marta se despede com a

certeza de que deixou um legado às próximas gerações: —As coisas não acontecem de um dia para o outro. A gente está vendo aqui seleções que vinham e tomavam de sete, oito ou dez, e estão jogando de igual para igual com os grandes. Isso mostra que o futebol feminino vem crescendo, que é um produto, dá lucro e prazêr de assistir. Não é tão que é chamada de Rainha.

1 O surgimento da Rainha

Aos 17 anos, Marta já despontava como a sucessora de Sissi, a Imperatriz do Amor, que havia levado o Brasil ao terceiro lugar no Mundial de 1999. Em sua estreia em Mundiais, deixou sua marca três vezes e assumiu o protagonismo da seleção feminina. A equipe não conseguiu passar das quartas de final diante da forte Suécia, mas ela deixou o seu e confirmou o nascimento de uma estrela do futebol.



2 A melhor do mundo

Com apenas 20 anos, Marta já era a melhor do mundo. Na China, ela comprovou o talento da sua canhoto que derrubou gigantes como os Estados Unidos. As americanas foram as principais vítimas da camisa 10 em Copas: 4 gols. Dois deles saíram na goleada por 4 a 0, na semifinal. Incluindo o mais bonito da atacante, após um dribble sensacional de fora da área e finalização, desta vez, com a perna direita.

3 Recado para o mundo

O segundo lugar do pódio do Mundial de 2007 ficou marcado pelo protesto das jogadoras que carregaram a faixa "Brasil, precisamos de apoio". Marta sempre foi uma voz ativa pelas melhorias de condições da seleção feminina, como diárias e premiações iguais às do time masculino, uniformes próprios e mesmo nível de preparação.

4 Troco das americanas

Eleita cinco vezes a melhor do mundo pela Fifa (de 2006 a 2010), Marta levou o Brasil até onde pôde com seus quatro gols. Em 2011, marcou duas vezes contra as americanas nas quartas de final. Porém, a eliminação veio nos pênaltis. Quatro anos depois, o Brasil caiu de novo nas quartas de final, agora para a Austrália, e Marta só deixou sua marca uma vez, o 15º gol em Copas.

7 Adeus, Rainha!

A despedida de Marta, aos 37 anos, das Copas do Mundo não foi como se esperava. Na última oportunidade de conquistar o sonhado título, a camisa 10 atuou em poucos minutos e não conseguiu ampliar o próprio recorde de marcar em seis Mundiais consecutivos. O adeus melancólico na primeira fase, contudo, não apaga a história da Rainha.

6 Recordes e recado

Em 2019, Marta entrou para a história das Copas do Mundo ao se tornar a maior artilheira da Copa entre homens e mulheres. Contra a Austrália, de pênalti, igualou a marca do alemão Klösterli (16 gols em Mundiais). No dia 18 de junho, fez o 17º gol, também de pênalti, sobre a Itália. Na eliminação para a França, nas oitavas, deixou um recado às sucessoras: "É preciso chorar no começo, para rir no fim."

5 Batom e chuteira

Marta chegou à Copa do Mundo da França com seis troféus de melhor do mundo e se impondo. Abriu mão de patrocínios de grandes marcas por causa dos valores oferecidos. Foi a campo com uma chuteira personalizada com a logo, em rosa e azul da Go Equal, campanha de equidade de gênero. E gerou polêmica ao usar um batom roxo, de uma marca não patrocinadora da Fifa, na vitória sobre a Itália, com um gol seu.

A ANÁLISE DOS COLUNISTAS DO GLOBO

CARLOS EDUARDO MANSUR

Em relação à última Copa, o Brasil teve mais investimento, melhores condições de trabalho, tem hoje um campeonato, competições de base, ou seja, o Brasil andou para frente. Mas a sensação é de que o restante do mundo também está andando muito rápido. E há um segundo olhar: o Brasil perdeu para uma seleção que precisou de *crowdfunding* para viajar para a Copa. A seleção teve muita dificuldade para entrar numa defesa fechada e passou os 90 minutos mais importantes da Copa do Mundo dela sem conseguir criar uma chance de gol.



MARCELO BARRETO

Já existia uma expectativa de que o Brasil ainda não tivesse conseguido neste trabalho da Pia alcançar as principais seleções do futebol feminino. O problema foi que a eliminação veio diante de um adversário que está muito abaixo do Brasil, tanto em termos de ranking (o Brasil é oitavo e a Jamaica, 43ª), quanto na questão da estrutura. Por mais que o Brasil tenha um investimento ainda muito recente na modalidade, a Jamaica nem isso tem. O empate com a Jamaica traz uma preocupação: nem uma adversária mais frágil o Brasil consegue derrotar.



MARTÍN FERNÁNDEZ

A campanha da seleção na Copa é uma enorme decepção — o que não significa fracasso, vemime ou vergonha. A análise apressada de resultados pode levar a reações equivocadas. Colômbia, Jamaica, África do Sul e Nigéria têm estruturas bem inferiores à do Brasil e estão nas oitavas. Antes de buscar respostas, é preciso fazer as perguntas certas. Do que o futebol feminino no Brasil mais precisa? Pia Sundhage é o nome certo para continuar convocando e escalando a seleção? Não faltou nada à seleção no caminho para a Copa. Mas ainda falta para o futebol feminino no Brasil.

